

# Plaf



Nº 2

REVISTA  
BRASILEIRA  
SOBRE  
QUADRINHOS

O mundo dos quadrinhos  
é o mundo todo. Reportagens,  
entrevistas, resenhas  
e HQs inéditas.

*Quem lê tanta HQ? / Rô Oliveira  
Mascara / Entrevista: Marcelo D'Saete  
As cidades nos quadrinhos / Wagner Willian  
Mulher-Maravilha / Brenda Costa Lima*



## Vá pra a rua comprar quadrinhos

Navegar é preciso, sobreviver de quadrinhos não é preciso. É sobretudo sinuoso, arriscado e, ao menos no Brasil, sempre... bastante impreciso. Diante de um mercado que, simultaneamente, consegue publicar obras cada vez mais requintadas (e caras) enquanto assiste a uma crise editorial que afeta também o circuito de eventos e lojas que se sustentam dos quadrinhos, é difícil fazer previsões sobre os próximos cinco, dez anos (ou mesmo sobre os próximos cinco minutos). Mas Ramon Vitral sabe juntar as pessoas certas - e fazer as perguntas que precisam ser feitas - numa conversa sobre o cenário contemporâneo das HQs no Brasil.

O resultado disso é uma matéria de capa daquelas de dar orgulho sobre o discurso crítico que tentamos exercer com esta revista. Falando em dar orgulho, o que dizer de uma segunda edição que 1) traz Marcelo D'Saete conversando sobre um dos maiores (em todos os sentidos) projetos na história dos quadrinhos brasileiros, o livro Angola Janga, 2) que faz percursos cruciais para a memória das HQs brasileiras com uma matéria sobre a paraibana Marca de Fantasia e 3) que traz histórias inéditas, feitas exclusivamente pra gente, de Mascaro, Brenda Costa Lima, Felipe Portugal, Roberta Cirne e uma inédita de Jô Oliveira?

Isso fora as resenhas, o passeio por algumas cidades icônicas das HQs, pela relação entre quadrinhos e gêneros musicais... Bem, a gente aqui está com sorriso de canto a canto e se a resposta à primeira edição foi massa, a gente espera que essa segunda continue a instigar todas, todos e todes vocês!

*Carol Almeida, Dandara Palankof e Paulo Floro*

Equipe editorial



O Grito!

O Grito!  
Quadrinhos

revistaogrito.com/quadrinhos



# Nesta Plaf

## 8 ENTREVISTA: MARCELO D'SALETE

Quadrinista conversa sobre a negritude nos quadrinhos brasileiros e fala da produção de Angola Janga, HQ sobre o Quilombo dos Palmares.

## 20 QUEM LÊ TANTA HQ?

Uma reportagem sobre a lógica de consumo de quadrinhos no Brasil hoje.

## 26 AS CIDADES NOS QUADRINHOS

Locais imaginados das HQs, de Gotham City ao sonhos distópicos de Moebius, passando por Chicago de Chris Ware e NY de Eisner.

## 30 A HISTÓRIA DA MARCA DE FANTASIA

Resistência, criatividade e verdadeiro espírito "faça-você-mesmo" nesta editora paraibana.

## 36 EM ANGOULÊME

Fomos conhecer o Festival Internacional de Quadrinhos de Angoulême, um dos mais importantes do mundo



## SEÇÕES

### 14 HQPÉDIA

A vida e obra de Jô Oliveira, quadrinista pernambucano inspirado pelo imaginário do Nordeste.

### 16 INFOQUADRO

HQs para ouvir: jazz, hip hop, rock e samba em quadrinhos.

### 18 MAKING OF

Wagner Willian fala da experiência em criar *O Maestro*, *O Cuco* e *a Lenda*.

### 35 ESTANTE

Allan da Rosa fala do que sentiu ao ler o *Capitão América* negro.

### 39 RESENHAS

*Mulher-Maravilha*, *Pantera Negra*, *Paciência*, *André Toral* e *Jason*.

## HQS INÉDITAS

### 43 *Corisco*, por Jô Oliveira

Uma história inédita do veterano quadrinista.

### 47 *CMYK*, de Mascaro

Em cores, o resumo de um rumo perdido.

### 51 *O Fantasma do Menino Feliz*, por Roberta Cirne

Uma história de fantasma no Recife de antigamente.

### 54 *Sem Título*, de Brendda Costa Lima

Sobre gostar de seu corpo (e de si mesma).

### 58 *Post Hoc Ergo Propter* ou "*Nicolas Cage*", por Felipe Portugal

Você sabe o que é uma "correlação espúria"?



Fotos: Divulgação



**Wagner Willian** é quadrinista e artista gráfico, autor de *Bulldogma* (Veneta) e *Lobisomem Sem Barba* (Balão Editorial). Venceu o Troféu HQ Mix de melhor novo talento roteirista e foi indicado ao Prêmio Jabuti na categoria Quadrinhos. Sua nova obra é *O Maestro, O Cuco e a Lenda*, pela Texugo. Wagner nos mostrou seu processo criativo na seção "Making-Of"



**Brendda Costa Lima** é quadrinista e colorista. Entre seus trabalhos estão *Pombos* (Netuno Press), a série *Mayara & Annabelle* (Ficticia), onde assina as cores; e *Manual de Sobrevivência à Vida Adulta* (Netuno Press), em que assina texto e arte. Neste número, Brendda trouxe uma HQ sobre sua relação com o próprio corpo.

**Roberta Cirne** é pesquisadora, roteirista e desenhista de quadrinhos. Entre suas obras estão *Passos Perdidos, História Desenhada, Heróis da Restauração Pernambucana, AFRO HQ* e a mais recente, *Sombras do Recife*. Ela criou para a PLAF uma história de fantasma passada no Recife.



**Allan da Rosa** é escritor e historiador. Pesquisa e atua em ancestralidade, imaginário e cotidiano negro. É autor de *Reza de Mãe, Zumbi Assombra Quem?* e *Da Cabula*, todos pela Nós Editora, além de *Zagaia*, com ilustrações de Marcelo D'Saete. Aqui na Plaf ele falou do que sentiu ao ler o Capitão América negro, de Sam Wilson.



**Jô Oliveira** é quadrinista pernambucano, formado em Comunicação Social pela Escola Superior de Artes Industriais, na Hungria. Recebeu o troféu de Mestre dos Quadrinhos no HQ Mix em 2004. É autor de *Os Donos da Bola*, entre outros.

# Plaf

revistaplaf.com.br

A revista Plaf é uma iniciativa da Revista O Grito! e é editada no Recife (PE).

**Número 2**

Julho / Agosto / Setembro de 2018

**Editores**

Paulo Floro, Dandara Palankof e Carol Almeida

**Produção editorial**

Paulo Floro, Alexandre Figueirôa e Fernando de Albuquerque

**Projeto gráfico e diagramação**

Erika Simona

**Administração e contabilidade**

Daiane Dultra

**Revisão**

Túlio Vasconcelos e Paulo Floro

A Plaf tem incentivo do Funcultura - Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura do Governo do Estado de Pernambuco.

**COMPRA A PLAF**

loja.revistaplaf.com.br, com entrega em todo o Brasil

**FALE COM A GENTE**

Envie seus comentários, sugestões e críticas para nosso e-mail: [leitores@revistaplaf.com.br](mailto:leitores@revistaplaf.com.br). Se quiser sugerir pautas, enviar releases, propor parcerias, distribuir nossa revista em seu ponto de venda ou qualquer outro assunto editorial envie e-mail para [contato@revistaplaf.com.br](mailto:contato@revistaplaf.com.br)

**ANUNCIE / APOIE**

A Plaf tem diversas possibilidades de anúncio, parcerias e ações para anunciantes. Você também pode nos fazer uma doação para que nosso projeto tenha vida longa e próspera. :) Fale conosco no [contato@revistaplaf.com.br](mailto:contato@revistaplaf.com.br)

**O Grito!**  
revistaogrito.com

**Editor-executivo**

Alexandre Figueirôa

**Editores**

Paulo Floro e Fernando de Albuquerque

**ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA**

Rua Doutor José Maria, 379. Caixa Postal 6275. Encruzilhada, Recife - PE CEP 52041-970

ISSN: 25270281



**BALBURDIA**  
Falamos de quadrinhos na maciota

[balburdia.net](http://balburdia.net)

## Também colaboraram nesta edição:

**Ramon Vitral** é jornalista e editor do blog Vitralizado. Editou este ano a Série Postal; **Fernando de Albuquerque** é jornalista pernambucano, um dos editores da Revista O Grito!; **James Figueiredo**, ilustrador e designer, é especialista na Mulher-Maravilha; **Alexandre Figueirôa**, jornalista, cineasta e editor, autor do livro *O Documentário Pernambucano no Século XX* e do curta *Elza*; **Anne Caroline Quiangala** é autora do blog Preta, Nerd & Burning Hell.

**ERRAMOS:** A resenha de Carolina não contou com a ficha da obra, aqui vai: Carolina, de Sirlene Barbosa e João Pinheiro. [Veneta, 128 páginas, R\$ 39,90]. Nossas desculpas ;).



*UMA HQ  
PARA REPENSAR*

**NOSSA  
HISTÓRIA**

Com *Angola Janga*, poderoso relato sobre o Quilombo dos Palmares, **Marcelo D'Saete** traz novas perspectivas da história dos negros no Brasil

POR CAROL ALMEIDA



Foto: Rafael Rancato/Duagelo

Tudo que cerca o mais recente trabalho de Marcelo D'Saete, *Angola Janga*, vem sublinhado pela dimensão grandiosa empreendida por seu artista: 11 anos de pesquisa, dezenas de livros lidos, viagens feitas e entrevistas realizadas que desembocam em 432 páginas de histórias em quadrinhos que se cruzam para, na dimensão simultaneamente do detalhe e do panorama, se aproximar das experiências sensíveis e simbólicas de um dos maiores acontecimentos da História do Brasil: a existência de Palmares. Nenhum número, no entanto, consegue dar conta do quão importante é esse álbum, não apenas para os quadrinhos do Brasil, mas sobretudo para que se revise as ferramentas narrativas que constituem o imaginário de ser brasileiro. Na entrevista desta edição, D'Saete, que venceu o Prêmio Eisner em 2018 com seu trabalho anterior, *Cumbe*, conversa sobre os processos que o levaram a *Angola Janga*, as não tão sutis operações do racismo, a necessidade de se debater HQ e negritude e as influências e referências que atravessam não apenas esse, mas como toda sua obra.



**Plaf / Já são mais de dez anos de pesquisa pra você chegar a Angola Janga. E essa é uma narrativa que, como várias outras narrativas de resistência negra no Brasil, são apagadas ou minimizadas em nossos livros de História. Quando apareceu pra você a urgência de se fazer uma HQ sobre Angola Janga e, desde então, que tipo de material você foi buscar para compor esse trabalho?**

Minha trajetória como alguém interessado em artes visuais começou cedo. Tive muita influência do grafite e do hip hop na passagem dos anos 1980 para os 1990. Quando já estava um pouco mais velho, fiz um curso sobre História do Brasil focado na população negra. Era um curso com o Petrônio Domingues, no Núcleo de Consciência Negra da USP, em 2004. Ali tive contato com textos sobre Palmares.

Lendo sobre o conflito, percebi o potencial para uma boa história em quadrinhos. Notava, por outro lado, que havia uma ausência dessas narrativas nos quadrinhos que tinha acesso. Em 2006 foi quando cheguei a ler um livro maior sobre Palmares. Isso foi antes de publicar *Noite luz* (2008) e *Encruzilhada* (2011). Naquele momento, eu já sabia que fazer Palmares em quadrinhos seria um projeto de médio e longo prazo. Mas não imaginava que fosse durar 11 anos! Precisei de muita pesquisa e leitura pra encontrar o caminho certo. Meu propósito foi fugir de alguns arquétipos sobre escravidão, evitar as histórias que não aprofundam esses personagens e que os colocam somente como pessoas passivas.

Pra isso, pesquisei imagens e textos da época. Aos poucos fui percebendo que os fatos sobre Palmares eram fatos registrados do ponto de vista dos soldados brancos. Pra mim, era importante tentar reconstruir a partir da ficção um certo universo cultural dessas pessoas, seus objetivos, princípios, sua cosmogonia, que era



Imagens: Divulgação

em grande parte Bantu, do Congo e Angola. Fui no Memorial dos Palmares, em Alagoas, para conhecer um pouco da geografia e clima do local. Tudo isso ajudou a montar esse quebra-cabeça e construir a narrativa. O nome Angola Janga, que pode ser traduzido como "pequena Angola" ou "minha Angola", era um termo usado pelos próprios palmaristas no século 17 para se referir aos mocambos da Serra da Barriga. Considerei que era a melhor opção para o título do livro, na tentativa de trazer a perspectiva dessas pessoas para o centro.

**Plaf / Imagino que, durante esse longo processo, muita revisão da tua própria história tenha se passado pela tua cabeça. O quanto esse livro também te ajudou e foi teu parceiro num processo de autorreflexão?**

Este livro foi relevante para repensar nossa história e perceber o quanto ainda precisamos fazer para que essas narrativas não sejam esquecidas. Palmares e todo o sistema colonial do século 17 tinha conexões não só com o que estava acontecendo no Brasil, mas também com o que estava acontecendo

**"QUIS FUGIR DE ARQUÉTIPOS SOBRE ESCRAVIDÃO, EVITAR HISTÓRIAS QUE COLOCAM OS PERSONAGENS COMO PESSOAS PASSIVAS."**

na África, principalmente em Angola e Congo. Soldados luso-brasileiros atuavam nos dois lados do Atlântico naquele período, o Terço do Henrique Dias foi um exemplo disso. Em Angola, guerreiros da rainha Nzinga, capturados na guerra, chegaram a vir, escravizados, para o Brasil. Inclusive, os senhores de engenho de Pernambuco no século 17 temiam que houvesse contatos entre Palmares e líderes africanos escravizados.

Internamente, houve o acordo com Ganga Zumba que resultou nas terras de Cucaú em 1678, criando uma cisão com os mocambos de Palmares. Comparando com outros países, na Jamaica, por exemplo, houve negociações com o poder colonial que resultaram em acordos mais longos. Mesmo com a queda de Macaco, em 1694, e o assassinato de Zumbi um ano depois, Palmares ainda continuou por mais 20 anos. Existiam outros líderes quilombolas importantes nesse período, como Mouza e Camuanga. Esses fatos ainda conhecemos pouco. Provavelmente não há documentos novos a serem descobertos, mas precisamos, sim, fazer novas perguntas e interpretações sobre esse episódio.

**Plaf / O quanto da tua própria história é conscientemente colocada nos teus trabalhos?**

No meu caso é difícil dimensionar o quanto exatamente de mim está na história, mas com certeza tem muito. Construímos personagens a partir das nossas experiências, do nosso entorno. Além disso, é preciso pontuar que na história do Brasil, personagens negros, ainda mais no período colonial, são apresentados como secundários e terciários nas narrativas. É muito difícil você ver essas pessoas como sujeitos de suas ações, como indivíduos inteiros.

**"NA HISTÓRIA DO BRASIL, PERSONAGENS NEGROS SÃO APRESENTADOS COMO SECUNDÁRIOS E TERCIÁRIOS NAS NARRATIVAS, É DIFÍCIL VER ESSAS PESSOAS COMO SUJEITOS DE SUAS AÇÕES."**

Essa estratégia de apagamento relaciona-se à história do negro no Brasil, onde não é permitido que essas pessoas tenham uma representação complexa e muito menos reconhecimento. E qual o resultado disso? Naturalizar a subcidadania das pessoas negras e pobres ainda hoje. Essa naturalização alinha-se com o encarceramento em massa de uma juventude negra periférica que, quando não está presa, é tratada como ameaça e mesmo assassinada. Mas isso não sensibiliza grande parte da nossa população. Daí a importância de criar personagens negros que tenham complexidade, demonstrem afetividade. Afeto este que sempre foi negado em nossa história. Não podemos ter representações mais complexas, dentro dessa lógica, porque tudo isso te torna humano.

E o racismo opera na lógica de negar a humanidade dos outros.

**Plaf / A maior parte do que foi criado sobre o imaginário do negro no Brasil é uma construção de pessoas brancas. Você sente em algum momento, enquanto artista negro, uma sensação de responsabilidade em empoderar outros jovens artistas negros a ocuparem os espaços de criação de imaginário?**

Procuro fazer as histórias dialogando com minhas experiências e com o máximo de liberdade possível em termos de narrativa. Ao mesmo tempo, sei que estou inserido dentro de um universo social e cultural. Militei durante um tempo em alguns grupos negros. Meu trabalho, acho, tem muito dessa experiência. Principalmente depois de *Cumbe* (2015), encontrei leitores muito interessados nesse universo. Tenho feito algumas oficinas por aí e encontrado artistas novos que acabam vendo nesse trabalho uma referência.





Me interessam histórias que sejam significativas pra pensar nas possibilidades de um pensamento crítico sobre o que é ser negro e ser brasileiro nesse país. Esse imaginário do que é ser negro foi elaborado quase sempre por e para pessoas brancas. Se a gente for pensar no público negro lendo literatura, e especificamente literatura negra, isso é mais recente. No entanto, hoje esse público pode influir no debate público, como aconteceu com a Flip. Considero imprescindível ter autores negros produzindo obras sobre universos negros e sobre outros grupos, não negros.

Por outro lado, não criamos essas histórias em um campo neutro. Vamos precisar discutir e dialogar com outras pessoas, autores e leitores, sobre essas representações. E é fundamental que autores negros também façam parte desse debate.

**Plaf / Tem muito de montagem de cinema no teu trabalho. Em Encruzilhada, chegam até a aparecer aquilo que, imagino, sejam algumas referências dos tipos de filme que te atraem. De que forma a linguagem cinematográfica passa pelo teu trabalho?**

Aprendi a contar histórias a partir do cinema. Primeiro devido a influência do amigo Kiko Dinucci. Além de músico, ele é cineasta e me apresentou muitos filmes e escritores. Depois, aprendi a desenhar luz e sombra vendo obras do Cinema Novo e do neorealismo italiano. Eu parava o filme pra desenhar imagens em preto e branco. Desse modo, acabei aprendendo a contar histórias lendo roteiros de cinema. Sempre tive um fascínio muito grande pela forma de contar narrativas com imagens. Quando elaboro uma história, primeiro realizo o roteiro, depois o esboço das páginas e finalização. Muito do roteiro inicial muda nesse processo. Gosto de prestar atenção no ritmo das imagens, em como funciona esse encontro de uma cena com outra.



## “O RACISMO OPERA NA LÓGICA DE NEGAR A HUMANIDADE DOS OUTROS.”

**Plaf / Existe uma visualidade muito particular do desenho em preto e branco e queria que você falasse mais sobre essa tua opção estética.**

Meu desenho talvez não seja algo próximo daquilo que se costuma ver nos quadrinhos. Gosto bastante de trabalhos em preto e branco e me aproximei de artistas como o (Sergio) Toppi, o (Lorenzo) Mattotti, o (Alberto) Breccia, Tayio Matsumotu etc. Todos eles foram referências fortes. Me fascinam as infinitas possibilidades do jogo de luz e sombra. E considero que ainda estou aprendendo a lidar com isso.

**Plaf / Desde o Noite Luz, passando pelo Encruzilhada e chegando ao Cumbe, existe uma estrutura episódica nas tuas histórias. Mas mesmo dividindo a narrativa em capítulos que são aparentemente independentes uns dos outros, há também uma energia que todas compartilham. Há uma preocupação sua em manter essa energia circulando? E, segundo, Angola Janga mantém essa estrutura?**

Todos os livros que fiz foram um processo de aprendizado tanto de desenho quanto de narrativa. Até hoje tenho um interesse muito grande pelo formato Conto na literatura. Gosto de histórias longas também, mas aprecio aquelas na qual cada capítulo funciona quase de maneira independente. No caso de *Angola Janga*, trabalhei com uma única história, mas dividida em capítulos. *Angola Janga* é um pouco diferente dos outros livros, justamente porque se assemelha mais a um romance. De qualquer forma, me interessam histórias que funcionem mais como um mosaico e menos como algo linear, de começo, meio e fim. Gosto de imaginar que a leitura e compreensão do todo é feita pelo leitor também.

**Plaf / Com frequência, tanto eu quanto Dandara Palankof (duas das editoras da Plaf) somos chamadas pra falar sobre a “mulher nos quadrinhos”, porque o ambiente é sobretudo masculino e porque, sendo mulheres, talvez esse seja o tema que “nos cabe”. O quanto você é chamado para debater sobre “o negro nos quadrinhos”, ou esse é um debate que ainda passa longe das pautas desse universo?**

Tem duas coisas que valem ser citadas aí. Primeiro, acredito existir uma certa ausência desse debate (sobre a negritude) dentro do universo das histórias em quadrinhos. Segundo, não tenho problema nenhum em falar sobre isso.

## “ESSE IMAGINÁRIO DO QUE É SER NEGRO NO BRASIL FOI ELABORADO QUASE SEMPRE POR E PARA PESSOAS BRANCAS.”

Este tema perpassa minha obra. Porém, é preciso tomar cuidado pra não cairmos dentro de certas formas e discursos em que você somente pode falar a partir daquele local. São alguns perigos que temos que enfrentar, seja sobre a presença negra nos quadrinhos, quanto com a questão de gênero, imagino. Podemos falar sobre isso, mas podemos também falar sobre outras coisas, partindo de diferentes perspectivas. O espaço da arte é justamente aquele que permite você se colocar no lugar do outro. Mas, claro, pra se colocar no lugar do outro é preciso ter responsabilidade e profundidade.

**Plaf / Frantz Fanon, em *Pele Negra, Máscaras Brancas* escreve em certo momento: “O entusiasmo é, por excelência, a arma dos impotentes. Daqueles que esquentam o ferro para malhá-lo imediatamente. Nós pretendemos aquecer a carcaça do homem e deixá-lo livre. Talvez assim cheguemos a este resultado: o Homem mantendo o fogo por auto-combustão.” Somente com entusiasmo você não consegue passar mais de dez anos dedicados a fazer uma HQ, como é o caso de *Angola Janga*. Você acredita nessa ideia de que é preciso sempre se manter em autocombustão para fazer as coisas acontecerem?**

Autocombustão... O Fanon é incrível, né? Ele foi uma referência quando comecei a conhecer intelectuais negros. O modo dele perceber e desnudar a realidade, tão camuflada por códigos e símbolos, me fascina. Um projeto longo como *Angola Janga* só é possível se você tem muita paixão durante todo esse tempo, talvez seja isso que o Fanon chama de autocombustão. Cada vez que lia um pouco mais sobre Palmares, ia entendendo os meandros da história e me apaixonava um pouco mais por ela. O que fiz foi uma ficção com base em fatos históricos. Espero que ela nos ajude a entender melhor como o Brasil, de séculos atrás, ainda está presente hoje, em muitos sentidos.

Carol Almeida é mestra em Comunicação e editora da Plaf. Assina o blog [foradequadro.com](http://foradequadro.com).

## BIBLIOTECA BÁSICA

Principais obras de Marcelo D'Saete



### Noite Luz

[Via Lettera, 112 pags, 2008]

Um dos primeiros trabalhos de D'Saete, *Noite Luz* discute temas como violência, urbanidade e a invisibilidade de muitas pessoas que vagam pela noite. Já mostrava a sensibilidade de um autor comprometido em tratar de temas sociais com muita verdade.

### Encruzilhada

[Veneta, 160 pags, 2016]

Uma série de histórias urbanas desvendam uma São Paulo para além da segurança dos shoppings e fachadas luminosas. Lançada originalmente pela Leya em 2011, a obra ganhou versão revista e ampliada pela Veneta em 2016.



### Cumbe

[Veneta, 176 pags, 2014]

Mostra a luta de pessoas negras escravizadas no Brasil a partir do ponto de vista da resistência. O autor pesquisou a língua banto para criar os diálogos. Saiu em 2017 nos EUA pela Fantagraphics e recebeu em 2018 o prêmio Eisner de Melhor Edição Americana de Material Internacional.



### Angola Janga -

#### Uma História de Palmares

[Veneta, 432 pags, 2017]

Produzida ao longo de 11 anos, *Angola Janga* mostra a saga do Quilombo dos Palmares, uma das maiores resistências ao sistema escravagista no período Colonial no Brasil. A HQ traz heróis como Zumbi, Ganga Zumba, Domingos Jorge Velho, Ganga Zona e muitos outros nomes importantes.



Conheça mais de Marcelo D'Saete no site [dsaete.art.br](http://dsaete.art.br)



A B C D E F G H I **J** K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

# Jô Oliveira

Quadrinista pernambucano iniciou sua formação artística no Leste Europeu, mas sempre manteve como inspiração as tradições populares nordestinas, como a xilogravura e o cordel

POR FERNANDO DE ALBUQUERQUE

Subdesenvolvimento, fome, polícia secreta, graves violações de direitos e enormes filas para comprar pão. Essas são as insígnias que rodeiam o imaginário apologetico de quem pensa o Leste Europeu sob a cortina de ferro sem nenhuma pesquisa mais crítica e aprofundada. Esse pensamento recheava de medo a cabeça dos brasileiros que viam o recrudescimento da ditadura nos anos 1970, mas não amedrontou Josimar Fernandes de Oliveira, o **Jô Oliveira**. Pernambucano nascido em 1944 na Ilha de Itamaracá, ele juntou as economias geradas pelo trabalho em uma loja de sapatos no Centro do Rio e, com uma única mala, partiu para a Escola Superior de Artes Industriais, em Budapeste, na Hungria.

Com pouca noção do idioma, enfrentou com altivez o frio às margens do Danúbio e forjou com cordel, xilogravura e história brasileira a identidade da sua obra. "A Hungria não era o inferno na Terra, pelo contrário, era um país bom de se viver. Não havia um clima de medo e violência nos rodeando. Havia emprego, educação razoável, assistência médica gratuita e um clima geral de camaradagem", conta.

Longe do país que o acolheu na sua formação, seus primeiros quadrinhos foram publicados na Itália, na revista *Alter Linus*, publicação festejada e cuja primeira edição circulou em abril de 1965 pela editora Milano Libri. A revista lançou personagens icônicos como Valentina, de Guido Crepax, e fez chegar na Europa histórias com o personagem Dick Tracy. A notoriedade trazida pela *Linus* levou Jô Oliveira à Dinamarca, Espanha e Rússia, fazendo com que o seu Lampião em quadrinhos, primeiramente, fiasse grego, para só assim ganhar assinatura brasileira.

*La Guerra Del Regno Divino* [Guerra do Reino Divino] foi uma das principais HQs publicadas por Jô Oliveira na *Alter Linus*. Recheada de referências nordestinas, ele fez uso da estética do cordel, incorporando referências e mitos europeus à cultura popular brasileira, lançando mão da cavallhada, caboclinho, bumba-meu-boi, forró, pau de sebo, além da figura de Lampião como o herói, representado miticamente como Dom Sebastião.

Para além da estética do cangaço, as expressões artísticas do Nordeste tornaram-se a marca registrada de toda a sua obra. São características de seu estilo o traço bem marcado, as expressões fortes nos seus personagens, a simplicidade das formas e a presença de motivos, paisagens e personagens nordestinas, tomando a xilografia popular como inspiração.

Imagens: Divulgação



## FICHA

**Nome:** Jô Oliveira  
**Natural da Ilha de Itamaracá, PE.**

**Carreira:** 1965 - Atualmente  
**Principais trabalhos:** *Hans Staden - Um Aventureiro no Novo Mundo (Conrad)*, *A Guerra do Reino Divino (Pasquim)*.



**IMAGINÁRIO** O autor pernambucano sempre se apoiou no imaginário do Nordeste em suas obras. Da esquerda para direita: Lampião em número da *Alter Linus*; uma HQ em homenagem a Zumbi dos Palmares; o autor na capa da *Corto Maltese* e uma edição da *Risco* com Superman capturado pelo cangaço.

**"HISTÓRIA É AVENTURA. NAS ESCOLAS, O ENSINO DE HISTÓRIA É MUITO CHATO, MUITO FORMAL"**



A semelhança com a xilogravura foi alcançada, inicialmente, com o uso do linóleo e, em trabalhos mais recentes, com o nanquim.

Dentro do universo das HQs, Jô é quase uma unanimidade. Voltando da Europa, ele iniciou os trabalhos no Brasil elaborando selos postais para a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, sendo responsável por mais de 50 peças filatêlicas, recebendo a medalha "Olho de boi" pela produção de selos. Na gaveta, traz uma série de prêmios: por duas vezes recebeu o troféu do melhor selo do mundo, na cidade de Asiago, Itália. Foi agraciado com o Prêmio Tucuxí de Ilustração, o Troféu Carlos Estevão de Humor e o Troféu HQ Mix de Grande Mestre dos Quadrinhos, em 2004. Só para citar os principais.

Outra obra que se destaca é *Hans Staden - Um Aventureiro no Novo Mundo*. A HQ levou seis meses para ficar pronta e nada menos do que 16 anos para chegar ao Brasil. Antes de sua impressão e distribuição pela editora Conrad, a obra já havia sido publicada em três edições da revista italiana *Corto Maltese*, casa de artistas como Hugo Pratt e Sergio Toppi. "A história de Staden é fantástica. Ele só queria conhecer o mundo e acabou refém de índios por mais de oito meses, quase foi devorado e saiu ileso disso tudo", comenta empolgado.

A escolha de trazer as histórias da formação do povo brasileiro para dentro da fantasia da sua narrativa tem um porquê

muito bem estruturado, uma vez que ele defende a livre utilização de quadrinhos dentro das escolas. "Toda criança sabe desenhar. De repente, as crianças param de desenhar, seja pela pressão dos pais ou por identificar o desenho com uma atividade demasiada infantil", lamenta. "Nas escolas o ensino de história, por exemplo, é muito chato. História é aventura. Os maiores relatos de aventuras da humanidade estão nos livros de história, que passam a ver os acontecimentos de maneira muito formal", comenta Oliveira que, no primeiro governo Lula, chegou a agendar reuniões com o então ministro da Educação, Cristovam Buarque. A ideia era inserir quadrinhos na rotinas escolares a partir de incentivos do Ministério da Educação. O projeto acabou sendo engavetado.

Aveso às histórias de super-heróis como Batman e Superman, Jô também não curte muitos os mangás. "Os super-heróis emburrecem seus leitores. Você acaba depositando toda a responsabilidade de uma ação em uma única pessoa. Isso não existe...", comenta. Entre os trabalhos atuais está o resgate de algumas obras suas que não foram publicadas em português, bem como a tentativa de dar continuidade à adaptação de *Grande Sertão: Veredas*, interrompida devido à questões internas da editora. "Não entendi por que eles não quiseram continuar... o trabalho de construir uma HQ é muito complicado, envolve diversos processos e custa muito tempo", concluiu.

Fernando de Albuquerque é jornalista, educador e um dos editores da Revista O Grito! (revistaogrito.com).



# Gibi musicado

POR PAULO FLORO

**Quadrinhos contam a história da música, do jazz de Billie Holiday ao rock de Johnny Cash, passando pelo samba de Adoniran Barbosa e o nascimento do hip hop**

As artes estão sempre em diálogo (ou atrito) e isso gerou trabalhos incríveis nas mais diversas plataformas. O mesmo vale para os encontros da música com os quadrinhos. Seja através de biografias minuciosas, ensaios em forma de HQ ou mesmo uma viagem lisérgica através da história, a união dessas artes gerou uma biblioteca vasta e bastante popular.

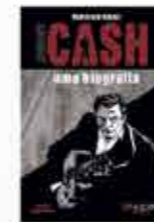
E a grande maioria está disponível no Brasil. Além disso, a nossa produção também inspirou quadrinhos sobre ritmos de nossa terra, como o samba. Hora de colocar os fones, ligar a vitrola, dar play na playlist ou tirar a poeira dos K-7 e aproveitar essas dicas:



## ROCK

### O Quinto Beatle [Aleph]

A HQ conta a história de Brian Epstein, o visionário empresário da banda que sofreu as dores de ser gay na Inglaterra dos anos 1960. A obra é um conto sobre aceitação e denuncia uma época muito opressora para as pessoas LGBT, mas entrega bastidores do fenômeno pop que mudou a música para sempre. O texto é de Vivek J. Tiwary, que tem experiência como autor da Broadway e a arte, lindíssima, é de Andrew C. Robinson e Kyle Baker.



### Johnny Cash - Uma Biografia [Binverso]

O premiado autor alemão Reinhard Kleist lançou esta obra no mesmo ano em que o filme Johnny & June (Walk The Line) chegou aos cinemas e aproveitou a retomada da popularidade de Johnny Cash no mundo. É uma obra que se destaca pelos detalhes que traz sobre o músico e por conseguir imprimir o clima sombrio e melancólico que caracterizava sua música.

### Red Rocket 7 [Devir]

Esta HQ é uma das maiores declarações de amor ao rock e também um dos melhores trabalhos do norte-americano Mike Allred em toda a sua carreira. Fala da história da ascensão e queda de um alien exilado em nosso planeta. Em suas aventuras na Terra ele contou com a ajuda de um certo quarteto de Liverpool, um jovem de Memphis e um robô e seus seis clones. Mistura de sci-fi com pesquisa histórica, é uma obra divertida sobre o nascimento do rock.



### Baby's in Black - O Quinto Beatle [Binverso]

Mais uma obra que usa a história dos Beatles como pano de fundo. Desta vez acompanhamos os primórdios da carreira do grupo quando passaram uma temporada em Hamburgo, na Alemanha, quando ainda não eram, nem de longe, a sucesso que viriam a se tornar. Outra coisa interessante é conhecer mais sobre Stuart Sutcliffe, o quinto integrante dos Beatles, que abandonou o grupo antes da fama.

### Coltrane

Através dessa HQ que conta a história de Coltrane, o autor italiano Paolo Parisi traça um paralelo com a América do século 20 e todas as suas contradições e injustiças. Racismo, violência, luta pelos direitos civis, segregação racial, tudo coube na narrativa dessa obra, que também mostra as inovações trazidas pelo músico e como ele mudou a história do jazz para sempre.



### O Diabo e Eu, de Alcimar Frazão

A vida do músico Robert Johnson (1911-1938) transformou-se em mito por conta de uma lenda que diz que ele teria feito um acordo demoníaco com um demônio em uma encruzilhada em troca de se tornar um exímio guitarrista. Em troca, Johnson teria cedido sua alma. Na interpretação de Frazão para essa história a relação entre demônio e músico foi ainda mais próxima. Lançada de forma independente, a HQ ganhou uma reedição luxuosa pela Mino.

## HIP HOP

### Ghetto Brother - Uma Lenda do Bronx

Ghetto Brother se concentra na gênese do hip hop, no caso os conflitos entre gangues na periferia violenta e segregada de Nova York do final dos anos 1960. Julian Volaj e Claudia Ahlering focam a trama em Benji Melendez, o primeiro líder a propor uma reunião de paz entre os chefões de gangues da cidade. Um desses nomes de liderança era ninguém menos que Afrika Bambaataa, que se tornaria um dos pilares do rap nos anos seguintes.



### Hip Hop Genealogia

Vencedor de um Eisner Award, essa HQ conta a história do hip hop de maneira minuciosa, apaixonada. Ed Piskor criou uma narrativa cheia de clima, ritmo e bastante conflito para contar a história de uma cultura alternativa que tomou-se um marco cultural do século 20. O quadrinho começa com as relações entre as tensões sociais na periferia de Nova York nos anos 1960-70 e uma nascente cultura de festas e MCs que nasceu. A edição brasileira tem prefácio do rapper Emicida.



## SAMBA

### Quaisqualigundum, de Roger Cruz e Davi Calil

As HQs sobre a história do samba ainda são escassas, mas temos pérolas como essa obra de Roger Cruz e Davi Calil. O gibi é ambientado dentro do universo do repertório de Adoniran Barbosa. Os personagens cantados pelo compositor paulista ganharam vida em uma obra que se destaca pela subjetividade e cores que transportam o leitor para exemplos populares do cancionário brasileiro. Entre as faixas mais conhecidas que viraram quadrinho estão "Saudosa Maloca" e "Samba do Arnesto", músicas que são praticamente um roteiro à espera de ganhar vida. A obra também serve para traçar um breve panorama do Brasil dos anos 1960-70.

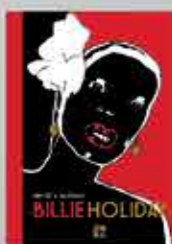


### Couro de Gato, de Carlos Patati e João Sanchez

Carlos Patati e João Sanchez criaram uma obra que presta uma homenagem aos nomes importantes do samba brasileiro, sejam pessoas ou lugares, a exemplo do Praça 11, da Penha, Pixinguinha, Donga, Sinhô e Tia Ciata. A obra trabalha com personagens reais e bastante conhecidos como Noel Rosa e Cartola, mas a trama é fictícia e é conduzida por um nome criado para o gibi, o músico Comunguelo. Destaque para o desenho do artista plástico e quadrinista João Sanchez, que vai se alterando conforme a história avança.

### Billie Holiday

A vida de Billie Holiday (1915-1959) foi contada nesta obra-prima da HQ argentina e é até hoje considerada uma das melhores biografias da cantora. Contado de forma apaixonada e fragmentada, a narrativa transporta a linguagem do jazz para os quadrinhos. Os autores Carlos Sampayo e José Muñoz foram aclamados por conta dessa HQ. A história de Billie foi permeada por momentos de plena alegria e bastante sofrimento, incluindo aí bastante racismo da sociedade norte-americana e violência policial.

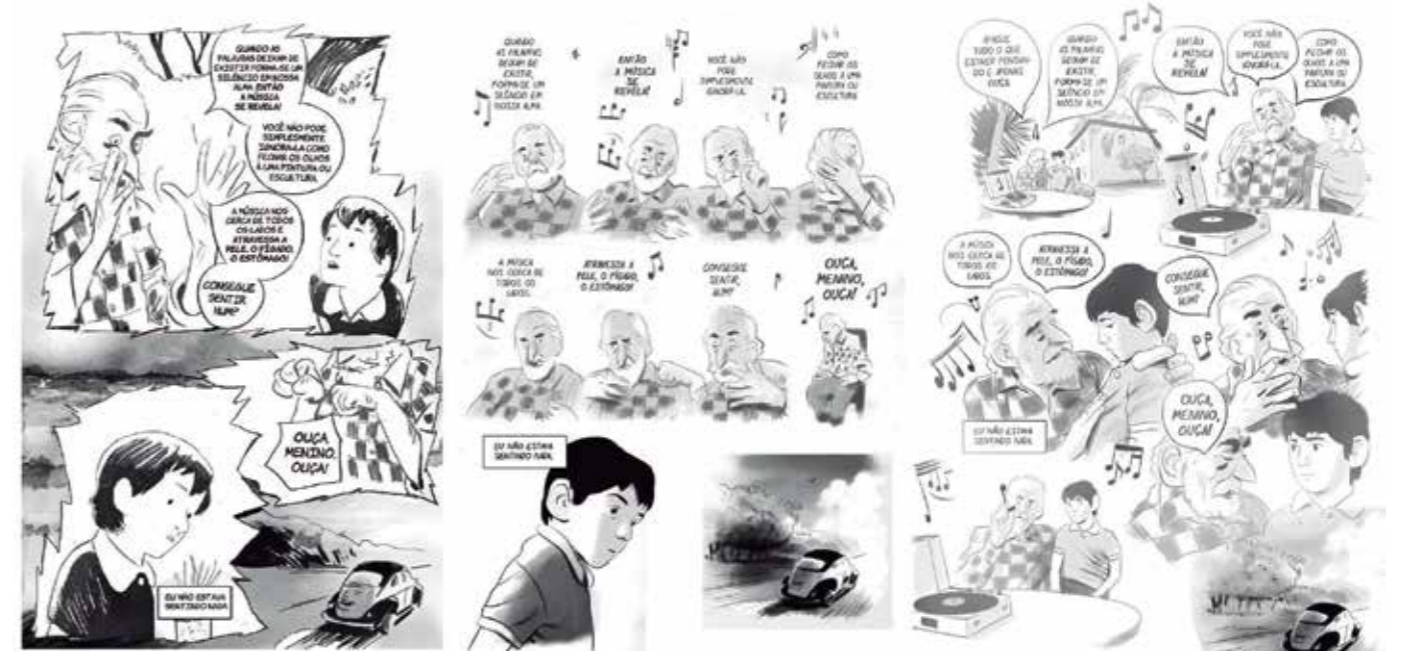




# O MAESTRO, O CUCO E A LENDA,

POR WAGNER WILLIAN

Quadrinhos só acontecem na experimentação. Ao menos os meus. Essa criatura é selvagem demais para se pressupor algum domínio.



Página desenhada não quer dizer página terminada. A insatisfação é a regra e acabo achando meios de melhorá-la. Significa que não estava boa o suficiente? Sim, é cruel, mas a vida é essa aí. Saca só essa página como mudou (acima). Mesmo texto, mesma cena, três concepções diversas. A última está bem mais situada, tem uma dinâmica que atrai o olhar e envolve e, por favor, tente não discordar...

Tanto em **Bulldogma** quanto no **Cuco** não existia um roteiro todo predefinido. Escrever ao mesmo tempo que se desenha permite desenvolver caminhos surpreendentes. Por outro lado, pode-se acabar perdendo um monte de páginas. Mesmo assim prefiro arriscar e encontrar esse curso mais natural e progressivo no desenvolvimento de uma história.

A lenda do cuco, por exemplo, nasceu em outra história, chamada "Silvestre", onde descrevia várias lendas. Uma delas era a do cuco. Achei que merecia um livro só para ela. E a princípio, seria um livro infantil de 32 páginas. Melborei o estilo do desenho, subindo para 40 páginas. Aquilo foi tomando um corpo que exigia virar uma HQ.

Cedi e fiz as 80 páginas porque aqui já havia uma história em torno dessa lenda. Uma história que não se conteve e cresceu para 140, 160, 208 páginas e basta!

Depois de tudo feito, vem a hora da revisão. Por estar imerso no trabalho, muita coisa acaba passando, coisas que alguém de fora não deixaria. Tive o privilégio de contar com o homem com olhos de águia, Lielson Zeni. Além de corrigir a ortografia, ele apontou para alguns erros da narrativa e lá fomos nós outra vez.

Para a próxima HQ, experimentarei usar nanquim. Fiz tudo digitalmente, desde o esboço à finalização no Photoshop com minha mesa digitalizadora Wacon Bamboo respingada de tinta a óleo.

Só foi possível testar todas essas possibilidades porque resolvi fazer tudo digitalmente. Isso me deu uma liberdade para remanejar as figuras, mudar sua direção, suprimir ou acrescentar elementos, o diabo. Às vezes há um quadro muito escuro na página que eu consigo pesar e criar contrapontos, diminuindo a visualização da página, dosando camadas de branco e preto.



Wagner Willian é artista plástico, escritor e quadrinista, autor do livro *Lobisomem Sem Barba* (Balão Editorial, 2015) e da premiada *graphic novel Bulldogma* (Ed. Veneta, 2016). *O Maestro, O Cuco e A Lenda* foi lançado pela Texugo.

São várias tentativas até achar a linha que melhor traduz o teor de uma história. Uma vez definido o estilo do desenho, o que já é difícil de se conseguir para quem não tem um traço patente, vem toda a parte de **layoutagem**. Tentar condensar o tempo, pensar o ritmo de uma página, buscar o melhor ângulo para sugerir a sensação que você quer passar com aquela cena, são tantas possibilidades, pensar a luz, a textura, meu deus, a fonte que dará voz aos seus personagens, páginas com ou sem sarjeta.... seu cérebro já está completamente torcido, mas é aí que entra a beleza da coisa. Todo esse esforço é recompensado à la Frankenstein, com vida! Você sente o peso das coisas, a passagem do tempo, a extensão de um campo, suas personagens começam a viver dentro daquelas páginas. Quando isso acontece, vira um caminho sem volta.

Fazer o leitor virar a página é que são elas e nisso vale **tudo**. Geralmente o último quadro dará o gancho. Para que isso aconteça costumo jogar o texto dentro da página, imaginando a ação que transcorrerá ali. Assim consigo calcular melhor o ritmo, pensando nesse tal "gancho do pirata". Muitas vezes ele escapa e te rasga inteiro. Isso resolvido, começa a hora do pesadelo.

Imagens: Divulgação



Transpor as cenas imaginadas. Para isso tenho um acervo imenso de fotografias. Geralmente, frames de filmes, relacionados por temas como bar, carro, floresta e por aí vai. Uso e abuso de referências fotográficas, mas sempre como um começo e nunca como um fim.



# Quem lê TANTA HQ?

Preços inflacionados, luxos excessivos, lançamentos constantes, descontos sem fundamento, pagamentos atrasados, novos talentos, títulos incríveis e por aí vai. A cena brasileira de quadrinhos dá alegria e preguiça

POR RAMON VITRAL

A decisão do técnico de TI Sandro Merg Vaz em rever seus gastos com histórias em quadrinhos é um alerta para a cena brasileira de HQs. O colecionador gaúcho de 46 anos, morador de São Paulo há 28, é uma espécie de mecenas moderno dos gibis nacionais, um investidor ilustre de projetos virtuais de apoio e financiamento coletivo de artistas e quadrinhos brasileiros. De maio de 2013 até o fechamento desta edição da **Plaf** ele já havia apoiado 321 campanhas no Catarse, uma das mais conhecidas plataformas de financiamento coletivo do país. Ele é o líder do ranking interno da empresa em número de investimentos de projetos de quadrinhos, com 66 apoios a mais do que o segundo colocado. Merg está preocupado com suas finanças e acredita que a tendência é uma diminuição drástica na frequência e nos valores de seus gastos.

“Eu não consigo mais apoiar tudo o que gostaria”, lamenta o colecionador em entrevista à **Plaf**. “Recentemente tenho contribuído com valores mais baixos e investido menos em jovens talentos, nomes desconhecidos em quem eu achava interessante apostar”, diz o técnico de TI.

Também habituado a feiras de quadrinhos, a viagens pelo país com visitas a lojas especializadas e compras de obras estrangeiras pela internet, Merg assume que seu gastos estão passando dos limites e ele não dá mais conta de ler tudo o que compra. “É muita variedade de ofertas, o que me deixa feliz, mas eu não consigo mais apoiar tudo o que quero, muito menos zerar a minha pilha de HQs”, conta.

O drama de Sandro é classificado por ele mesmo como um típico problema “classe média sofre”. Ainda assim, é significativo do volume de títulos nacionais e publicações de editoras brasileiras que chegam às lojas especializadas físicas e virtuais mensalmente.



Imagens: Divulgação



**PROJETOS** independentes de quadrinistas brasileiros cada vez mais sofisticados. De cima para baixo: Nave, de Julia Helena, Anuí, de Lelis e Kung-Fu Ganja, de Davi Calil.



## “SABE COMO É, EU FAÇO QUADRINHOS, ENTÃO NÃO GANHO DINHEIRO SUFICIENTE PRA CONSUMIR MUITO QUADRINHO.”

DIEGO GERLACH

### COMPETINDO COM GENTE DE PESO

*Nave*, o projeto da quadrinista mineira Júlia Helena, foi um dos mais recentes apoiados por Sandro Merg Vaz no Catarse. Embora tenha conseguido os R\$ 20 mil pedidos por ela para bancar o álbum, ela souou para alcançar sua meta. Júlia acredita que a concorrência de autores renomados, mais conhecidos e com um maior número de títulos publicados acabou tornando mais difícil fechar o apoio necessário para a impressão.

Simultaneamente à HQ de Júlia também estavam em campanhas projetos como *Anuí*, do consagrado Lélis, *Kung Fu Ganja - Volume 1*, de Davi Calil, *Eudaimonia*, de Luciano Salles, *Alho-Poró*, de Bianca Pinheiro, e *Nina & Tomás - Volume 1*, de Julia Bax. Artistas renomados, com carreiras mais consolidadas e uma base de fãs que garante um percurso mais tranquilo, mas ainda assim menos estável do que eles teriam em épocas de menor concorrência. Júlia não hesita ao dizer que temeu pelo futuro de *Nave* ao ver a chegada desses vários trabalhos no Catarse ao mesmo tempo que o seu. “Me disseram que eu estava ‘competindo com gente de peso’ e entre apoiar financeiramente o meu projeto ou o de outras pessoas de maior nome,

preferiam apoiar os delas”, diz a autora. “Teve um intervalo de tempo ali no meio da campanha que senti bastante o impacto da concorrência”, conta. “Mas, por outro lado, eu ainda acho que essa é a tendência meio que natural. Cada vez mais gente produzindo e utilizando plataformas de financiamento coletivo”, analisa a quadrinista. Ela conta ter começado a desenvolver *Nave* a partir da confirmação de sua seleção para participar do *Artist’s Alley*, espaço dedicado aos quadrinistas, da Comic Con Experience 2017, em São Paulo.

“A ideia de procurar uma editora nem me veio à cabeça. Senti que o Catarse seria uma experiência interessante e necessária pro meu desenvolvimento enquanto quadrinista, justamente por ser ‘nova’ nesse mercado”, conta a autora. Segundo ela, o papel do financiamento coletivo para o surgimento de vários quadrinhos brasileiros nos últimos anos e sua crença de que tinha um alcance de público suficiente para viabilizar seu projeto a estimularam ainda mais a arriscar na plataforma. “A visibilidade acaba sendo muito boa também. Por mais que pessoas não venham a apoiar financeiramente o projeto, elas têm acesso a ele, pessoas que inclusive não tinham nenhum conhecimento do meu trabalho ou da minha página”, afirma.

### POTÊNCIA DO ENCONTRO

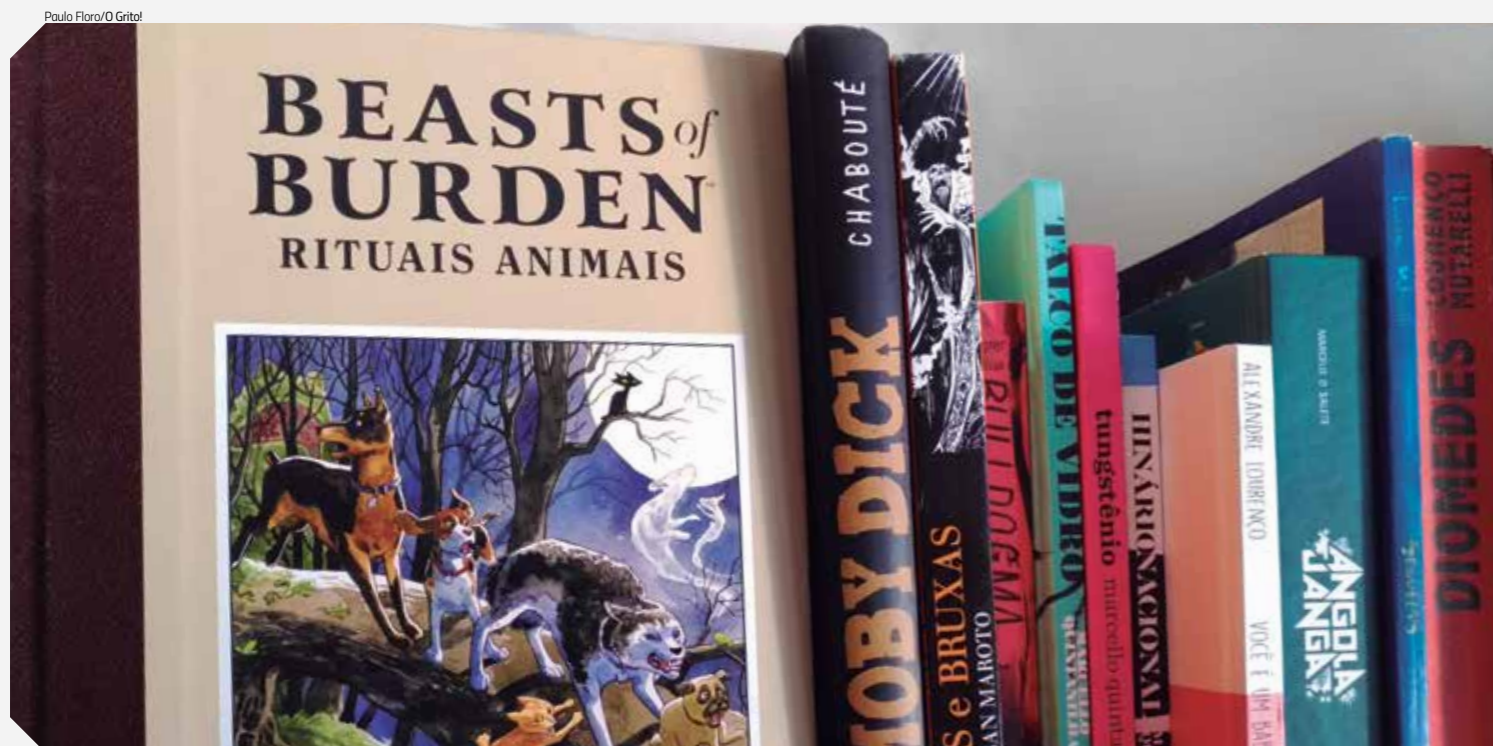
Tanto Júlia Helena quanto os demais artistas que buscaram apoio na internet e prometeram o lançamento de seus quadrinhos para os últimos meses do ano visam o grande evento brasileiro voltado para vendas de HQs. A Comic Con Experience, realizada anualmente em São Paulo desde 2014, é exaltada pelos artistas pela disposição de seu público em consumir, sejam quadrinhos, *prints* ou *comissions*. O guia divulgado pelos organizadores da convenção no início do processo de seleção dos participantes explicita a prioridade na escolha de artistas que tenham lançamentos previstos para a feira. “O objetivo é estimular a produção de quadrinhos autorais e não somente a venda de pôsteres ou de material antigo”, explica o sócio do evento e curador da área de quadrinistas da convenção, Ivan Freitas da Costa. Em 2017, as 352 mesas do *Artist’s Alley* do evento foram ocupadas por 489 artistas entre quadrinistas estrangeiros e nacionais.

A preferência dos curadores por autores com lançamentos e a empolgação do público da Comic Con por novos quadrinhos impactou em definitivo o calendário da cena nacional de HQs e também a agenda de grande parte dos quadrinistas brasileiros. Editoras e artistas guardam seus principais lançamentos para novembro e dezembro, tendo em vista o evento em São Paulo, sempre realizado na primeira semana do último mês do ano. Daí parte



**HORA DE COMPRAR** Mário Cesar e Cadu Simões no Beco dos Artistas da CCXP: grandes eventos impactaram na agenda de lançamentos de novos quadrinhos.

## EM 2017 MAIS DE 480 QUADRINISTAS OCUPARAM MESAS NO BECO DOS ARTISTAS DA CCXP.



## Edições milionárias

Os encontros proporcionados pelas convenções, feiras e festivais periódicos realizados no Brasil acabam aproximando artistas e editoras com modelos de negócios e percepções comerciais completamente distintos. Na Ugra Fest 2017, por exemplo, poucos metros separavam a mesa dos editores do jovem e bem-sucedido selo Pipoca & Nanquim, parceiros comerciais da transnacional Amazon, e o espaço ocupado pelo quadrinista gaúcho independente Diego Gerlach, autor de trabalhos caracterizados por suas impressões em xerox e acabamentos caseiros.

Em julho de 2017, o Pipoca & Nanquim apresentou no Ugra Fest os dois títulos

que tinha lançado até então. No primeiro semestre de 2018 a editora já contava com mais de uma dezena de publicações. Nascidos como um canal do YouTube, o projeto floresceu por meio de parcerias com a Amazon. “Nosso capital de giro é baixo, uma HQ financia a próxima e, até o momento, não vimos a cordo dinheiro”, explica um dos editores do selo, Alexandre Callari. Composta por uma equipe enxuta, com todos seus sócios levando outros empregos em paralelo ao empreendimento editorial, a Pipoca & Nanquim fez história em 2017. Seu primeiro lançamento, *Espadas e Bruxas*, do espanhol Esteban Maroto, foi um dos destaques de venda de obras

de ficção, não apenas quadrinhos, da Amazon no Brasil.

Já Gerlach brinca em relação ao montante crescente de quadrinhos lançados em eventos e nas feiras realizadas mensalmente pelo país: “Sabe como é, eu faço quadrinhos, então não ganho dinheiro suficiente pra consumir muito quadrinho. Como política editorial do meu selo, procuro não fazer edições caras, porque tento lançar coisas que, hipoteticamente, eu mesmo compraria”. Um dos destaques do selo pessoal de Gerlach, a *Vibe Tronxa Comix*, é a série *Know-Haole*, atualmente em seu sétimo número, com tiragens baixas e preços acessíveis.



## Preço viável

Em um mercado no qual autores nacionais dividem estantes de grandes redes de livrarias com um encadernado reunindo a mais recente epopéia cósmica dos Vingadores, da Marvel, as editoras brasileiras têm investido em soluções gráficas e acabamentos poucos usuais para chamar a atenção de possíveis leitores.

A paulista Lote 42, por exemplo é referência por seus projetos editoriais singulares. “Temos um cuidado gráfico em todos os livros que fazemos, mas ao mesmo tempo nos preocupamos bastante para que o livro não tenha um preço inviável para os leitores”, diz uma das editoras da Lote, Cecília Arbolave.

Uma das publicações mais interessantes e criativas da Lote 42 em 2017 foi o álbum *Fachadas*, do quadrinista gaúcho Rafael Sica. O álbum com ilustrações de frentes de casas antigas ganhou uma estrutura sanfonada que o transforma em uma grande rua. O livro tem 64 páginas e custa R\$ 39,90. É o mesmo preço de muitos dos encadernados da editora Salvat vendidos em bancas de jornal, que trazem coletâneas de ditos clássicos dos quadrinhos de super-heróis que na maior parte das vezes não fazem jus à grandiosidade de uma obra em capa dura.

“Essas escolhas gráficas de luxo não me parecem essenciais em todos os casos. E quem fez orçamento em gráfica já se deparou com a enorme diferença que existe entre uma capa em brochura e uma capa dura. Mas também é importante falar que esses preços altos dos livros aqui no Brasil são, em grande parte, consequência de custos muito altos de impressão”, explica Cecília.



JULIA BAX com seu novo projeto: artistas brasileiros usam cada vez mais o financiamento coletivo.

da justificativa dos vários projetos brigando por apoio em campanhas de financiamento coletivo em plataformas como o Catarse a partir do início dos meses de julho e agosto.

Em 2015, o tradicional FIQ (Festival Internacional de Quadrinhos de Belo Horizonte) ocorreu um mês antes da convenção de cultura pop paulista, o que resultou no lançamento de mais 300 quadrinhos no festival mineiro. Mesmo com esse número expressivo, o coordenador do FIQ, Afonso Andrade, ressalta que o evento nunca teve como propósito maior funcionar como uma feira de publicações, voltada para a venda e o consumo de quadrinhos. “Se hoje muitos têm essa percepção é porque o mercado cresceu e tem muita gente produzindo quadrinhos pelo país inteiro”, analisa o gestor cultural.

Segundo Andrade, os curadores não podem ignorar o volume crescente de autores e publicações e precisam arrumar espaço para a quantidade e diversidade de títulos e criadores. Mas ele chama atenção para a missão maior do evento que coordena: “O festival é, antes de mais nada, um espaço de intercâmbio, de conhecimento, de democratização do acesso, de formação de leitores, de fazer o quadrinho se apresentar como linguagem artística para o público, seja ele qual for”, diz o coordenador.

Realizado a cada dois anos desde 1999, o FIQ não ocorreu em 2017 após cortes severos nos recursos para projetos culturais de Belo Horizonte. Com a edição 2018 acontecendo

## FALTA AOS LEITORES UM ENTENDIMENTO DA LÓGICA DE PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE UM LIVRO.



ENCONTROS: Shiko autografa HQs no FIQ, espaço de intercâmbio de criadores e leitores.



FIQ: Festival retorna após hiato inesperado.

## A AMAZON TERÁ IMPACTO DEVASTADOR A CURTO, MÉDIO E LONGO PRAZO PARA TODA A CADEIA PRODUTIVA DAS HQS.

no primeiro semestre de 2018, o FIQ foi inserido em uma inflada agenda de eventos de quadrinhos com escopo nacional, de médio a grande porte, que conta ainda com a Bienal de Quadrinhos de Curitiba, a Ugra Fest e a Comic Con Experience, ambas em São Paulo.

“Acreditamos, antes de tudo, na potência do encontro que o evento promove em torno de uma linguagem, o que ela diz de nossos tempos e toda a multiplicação de ideias por isso tem como resultado”, diz a coordenadora de Produção da Bienal de Curitiba, Luciana Falcon Anselmi, ressaltando que o foco do evento vai muito além de seus aspectos comerciais.

Ramon Vitral é jornalista, editor do blog *Vitralizado*. Este ano ele lançou a *Série Postal*, com HQs em cartões postais por artistas brasileiros. [vitralizado.com](http://vitralizado.com)

## Amazon, a devastadora

Presente no mercado virtual brasileiro desde setembro de 2012, a transnacional Amazon mudou as regras do jogo para quem vive de produzir, vender e editar HQs no país. Os preços e até as soluções gráficas estariam sendo readequadas em função dos descontos crescentes e das ofertas inesperadas feitas periodicamente pela empresa. Uma prática com impacto devastador a curto, médio e longo prazo para toda uma cadeia produtiva.

Um dos sócios da Mandrake Comic Shop de Goiânia, Thiago Pitaluga pondera em relação aos efeitos da Amazon. Ele afirma que a loja ajuda a disseminar a linguagem dos quadrinhos, permitindo que leitores de regiões do país com poucas lojas especializadas tenham acesso a títulos que seriam inacessíveis de outras maneiras. No entanto, ele ressalta a falta de discernimento desses mesmos leitores para a lógica de produção e distribuição de um livro.

“Há clientes que querem esses mesmos descontos da Amazon na minha loja”, diz o empresário. “Do lado de cá do balcão, temos que explicar com argumentos inteligíveis porque vendemos pelo preço de capa, porque não temos tal título, porque pedimos pouco aquele material X, porque demoramos a receber tal coisa, enfim, um trabalho de conscientização”, conta Pitaluga.

A concorrência da loja do empresário norte-americano Jeff Bezos - que em 2017 superou Bill Gates e se tornou o homem mais rico do mundo - é considerada desleal mesmo para pessoas que se beneficiam de sua dinâmica de vendas. “A Amazon é predatória, mas não tenho outra opção. Todas as outras lojas estão cagando para mim”, diz a pessoa responsável por uma editora nacional que publica HQs e preferiu não ser identificada em entrevista à Plaf.

“Da pequena à grande, com exceção da Amazon, quem não atrasa, simplesmente não paga. Se eu cobro, ameaçam tirar meus livros da loja. Ou então mascaram

números de venda. O mercado não me dá nenhuma alternativa minimamente viável e vantajosa além da Amazon”, lamenta.

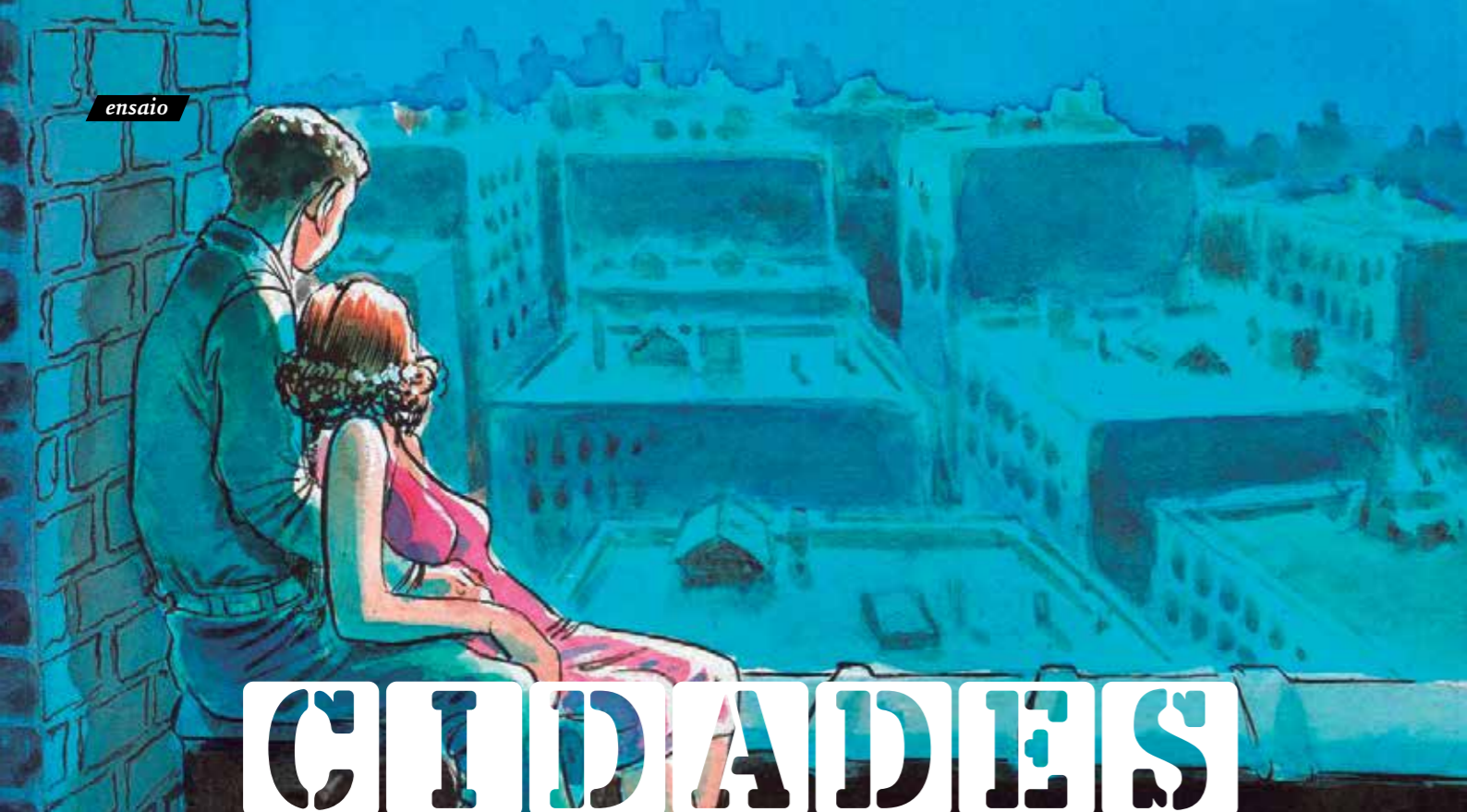
Ainda assim, o histórico recente da empresa em outros países serve de alerta para a cena brasileira de HQs. Dono da loja e editora Ugra Press, o empresário Douglas Utescher chama atenção para a mudança das regras do jogo da Amazon a partir da concretização de seu poder num determinado segmento. Na avaliação do lojista, quando uma editora aposta todas as suas fichas na Amazon ela não está fazendo nada além de agravá-los.

“Depender exclusivamente de uma corporação com ética tão duvidosa quanto a Amazon não é, obviamente, solução para ninguém. Com um mercado relativamente pequeno e em formação como o brasileiro, mais proveitoso seria estabelecer vias de diálogo efetivas entre editoras e lojistas, para que um entenda as dificuldades do outro”, diz Utescher.

A lógica do mercado editorial também é questionada pelos próprios artistas. Um(a) autor(a) que também optou por não se identificar expôs as contas consideradas injustas por ele(a) em relação aos retornos dados pelas editoras. Segundo ele(a), o alcance midiático e de vendas será muito maior quando se trabalha com uma boa editora, mas quando se pensa no retorno do artista, a lógica muda, principalmente com o acerto de vendas para os autores das obras ficando limitado entre 8% e 10% do valor da capa e o pagamento feito, geralmente, a cada seis meses.

Para ele/a, essa seria uma das causas de tantos artistas estarem buscando formas de bancar suas próprias produções, pois trabalhos financiados coletivamente ou publicados de forma independente, mesmo que mais caros, podem gerar retornos mais imediatos e mais justos para quem produziu a HQ.





# CIDADES

visíveis e invisíveis

# dos QUADRINHOS

Um passeio por histórias em que os cenários estão em primeiro plano na narrativa, da São Paulo de Laerte a Chicago de Chris Ware, passando pelos sonhos futuristas de Moebius, a NY de Eisner e a sombria Gotham City

POR CAROL ALMEIDA

Conta-me as cidades que possuo, diria Kublai Khan a Marco Polo, exigindo que o viajante por ele contratado desse conta de descrever todas as aglomerações urbanas do vasto domínio do imperador mongol. Marco Polo, que não sabia falar a língua do soberano, criava gestos, tocava em objetos, fazia caretas e movimentos para tentar de alguma forma representar (ou apenas apresentar) como cada uma das cidades que ele descrevia tinha uma personalidade própria. A cidade que "contém seu passado como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras".

**POUCOS AUTORES FORAM TÃO OBCECADOS PELA PRÓPRIA CIDADE QUANTO EISNER POR NOVA YORK.**



**LAERTE:** Na São Paulo de Chiclete com Banana, a paranóia é um estado de espírito que beira o hilário.

A relação fictícia entre Kublai Khan e Marco Polo, bem como as descrições poetizadas das cidades a partir das memórias, desejos, símbolos e trocas que elas carregam, estão presentes no romance *Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, e são com frequência referenciadas quando queremos nos aproximar tatilmente das metrópoles que têm vida própria e que não, não podem ser descritas apenas por mapas, números e autos oficiais. Toda cidade, como bem escreve Calvino, vem carregada de sensações, texturas e cheiros que somente os viajantes mais inventivos, como o Marco Polo fictício, podem dar conta. E na História das histórias em quadrinhos, não foram poucos os artistas que igualmente conseguiram fazer pular do papel essa tessitura própria das cidades que, ora foram por eles criadas, ora reinventadas, ora utopicamente imaginadas entre a cabeça, o coração e a ponta do lápis.

Este texto se propõe então a fazer um exercício de *flânerie* por algumas das cidades que terminei descobrindo ao longo de alguns anos (algumas décadas, serei sincera) lendo desde gibis até as elaboradas *graphic novels*. *Flânerie* no sentido de que a intenção é, sobretudo, tentar andar pelos espaços dessas cidades e, tal como uma viajante a serviço de uma majestade ansiosa em conhecer os espaços de seu império, convidar a quem estiver lendo de fazer também esse caminho comigo. Serão passeios por histórias que, intencionalmente ou não, jogaram essas cidades para o primeiro plano da narrativa, transformando-as em personagens tão importantes quanto os heróis, anti-heróis e sujeitos comuns que habitam nela.

**NOVA YORK, RECIFE, GOTHAM.**

O ponto de partida da viagem não poderia ser outro senão pelo autor que foi tão, mas tão obcecado pela cidade onde viveu, que fez dela o tema maior de suas mais celebradas obras. **Will Eisner** esmiuçou uma certa vizinhança de Nova York, mais particularmente aquela das cercanias do Bronx dos anos 1930/40. Em trabalhos como *Um Contrato com Deus* e, particularmente, em *O Edifício*, Eisner abriu na nossa frente uma janela que deu a ver todas as pequenas alegrias e grandes angústias daquela periferia de cidade moderna que havia, em tão pouco tempo, superlotado todos os seus espaços entre a virada do século 19 para o século 20, sofrendo as consequências de um urbanismo mais acelerado que qualquer trem a vapor.

Sou capaz de escutar os vizinhos de cima reclamando da água que não aquece e visualizar com o canto do olho, que lá embaixo, na rua, um grupo de meninos planeja alguma trela da qual eles vão se arrender daqui a alguns minutos. A Nova York de cheiros fortes de um esgoto ainda insuficiente para a população, de invernos duros e verões insuportáveis, uma cidade cheia de pessoas mal-humoradas e ladrões de carteira e, ao mesmo tempo, repleta de últimos românticos e sonhadores otimistas. Eisner faz da cidade sua personagem favorita, desenha ruas ora alegres, ora assustadas.

Faz das janelas dos vagões de metrô telas de cinema, faz das escadarias que ligam os edifícios às calçadas o local onde a indiscernibilidade entre o público e o privado anunciam novos tempos.

Viro a esquina, retiro mais um livro da estante e dou de cara com a São Paulo de **Angeli e Laerte dos anos 1980**. Primeiro nas páginas da *Chiclete com Banana* e, depois, nas filhas e filhos dessa revista. Entre a prole, Rê Bordosa e Piratas do Tietê. Com a musa mais famosa de Angeli, conheci uma São Paulo com cheiro de cigarro e hálito de vodca. Uma cidade em que a rua era o bar, e o bar era um banheiro sujo. Mas a São Paulo de Rê Bordosa é muito mais uma projeção do espaço externo dentro do discurso interno da própria personagem que a visualização de suas esquinas. A pessoa que realmente conseguiu desenhar a capital paulista com toda a espacialidade de suas ruas, prédios e placas de trânsito foi Laerte.

E é nela, a partir de um ponto de vista muito insólito mesmo para quem nasceu ou já morou na cidade, que é feito esse passeio urbano: de dentro do rio Tietê. Laerte me trouxe o cheiro de esgoto daquilo que, um dia, foi de fato um rio, para tentar sentir na pele o que é andar por uma cidade onde a paranóia é um estado de espírito que beira o hilário. O trânsito parado e os cidadãos dormentes que moram nessa cidade são tão absurdos quanto a imagem de um navio de piratas navegando e mijando e





**À DIREITA**

Raoni Assis responde com um traço que faz fundir o sujeito e a cidade num só corpo.

**ABAIXO**

Futurismo de Moebius influenciou o cinema.



cuspiendo rum no Tietê. Até hoje para mim, e isso se deve fundamentalmente aos trabalhos de Angeli e, particularmente, Laerte, São Paulo é a cidade que catalisa a essência do absurdo.

Olho para o chão, vejo uma bituca de cigarro e quando levanto os olhos estou no Recife, ou melhor, o Recife está no meu corpo. Da minha pele brotam edifícios, cada vez mais altos, e sou consumida pelas imagens que fundem o ser humano e a cidade tal como desenhadas por **Raoni Assis**, quando na compilação quadrinizada *Tô Miró*, ele traz esse Recife de concreto que está dentro de nós. "Quantos sacos de cimento há em ti, Recife? Quiçá meu coração não vire concreto, quiçá meu coração não vire cimento", é o que o poeta Miró pergunta, no que Raoni responde com um traço que faz fundir o sujeito e a cidade num só corpo. Seriam cumplidades ou infeliz-cidades?

Na dúvida, pego voo. Decido que é momento de sobrevoar alguns desses espaços e, lá de cima, visualizo as cidades imaginadas por **Moebius**, particularmente aquela desenhada na saga *The Long Tomorrow*, publicada no Brasil pela Nemo dentro do volume *O Homem É Bom?*. O cenário pós-moderno de prédios que sobrepõe todas as correntes arquitetônicas do mundo num só lugar me falam desse ambiente de identidades fugidias, onde posso ser quem quiser e, no virar da esquina, me transformar em outra pessoa. Mestre absoluto da representação espacial, com um senso de perspectiva de fazer alguns dos melhores arquitetos do mundo prestarem muita atenção em seu traço, Moebius me apresenta uma cidade futurista tão ou mais cínica do que aquela em que vivo hoje. O excesso de modernidade e tecnologia que há nela traz para o primeiro plano uma beleza, muito bem projetada por seu desenhista, a revestir a sensação de vazio existencial que atravessa seus cidadãos. Não é coincidência que essa mesma HQ tenha se tornado uma referência de imagem para a construção das Los Angeles de *Blade Runner*, de Ridley Scott.

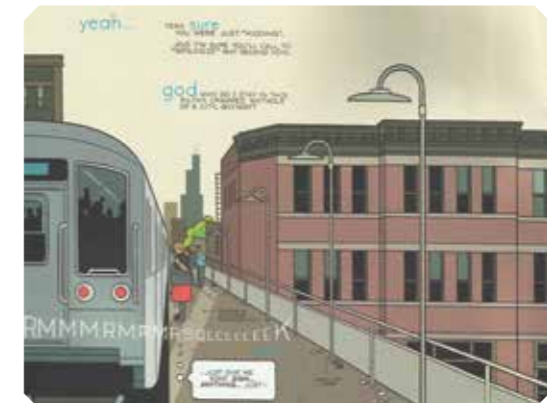
Mas se sinto que com Moebius a cidade se adapta aos meus desejos, sejam eles bem intencionados ou perversos, naquela que se tornou a cidade mais famosa dos quadrinhos não há muitas vias de escape para ser qualquer outra pessoa senão uma sombra que, com sorte, consegue escapar da índole criminoso desse grande centro urbano. Não poderia estar falando de outro lugar senão de **Gotham City**, particularmente daquela Gotham desenhada na saga *Destroyer*, no começo dos anos 1990, quando a cidade finalmente deixou de ser apenas um espectro remodelado de Nova York para se transformar em uma personagem de características muito próprias, fortemente influen-



ciadas pela concepção visual da Gotham criada por Anton Furst e Tim Burton, no *Batman* de 1989. Ou seja, uma cidade com uma certa energia de Art Deco, mais sombria, onde todos os prédios e curvas disparavam um *éthos* da vilania inerente ao local. Na versão dos quadrinhos, essa direção de arte se expande para a própria história a ser contada: em *Destroyer*, o grande vilão em cena quer implodir os edifícios retos e modernos de Gotham para revelar que, por debaixo dessas estruturas, existe uma base essencialmente sinuosa nessas construções, numa arquitetura que, uma vez exposta, invocaria forças maléficas de volta à cidade.

Fujo de Gotham para tentar respirar ares menos contaminados e chego à Chicago de **Chris Ware**, onde a mediocridade da classe média me parece, à primeira vista, inofensiva sem ser, com isso, menos marcada por detalhes bastante específicos. Ware desenha os espaços, externos e internos, como se fosse ele mesmo um arquiteto apegado à simetria das coisas, às proporções corretas que nos dão uma (propositalmente) falsa sensação de harmonia e serenidade. Na ironia melancólica presente em suas histórias e na meticulosa composição dos quadros dentro da página, a cidade reproduzida no papel é fiel à Chicago que existe no plano real; mas se passeamos por dentro dos espaços criados por Chris Ware, vamos perceber que a sua vizinhança é, na verdade, a nossa vizinhança. Há um forte sentido de familiaridade na geografia que ele cria, nessa cidade aparentemente tão higienizada em sua superfície, mas que cavando um pouco dá para encontrar detritos de um desconforto geral.

Poderia passear por vários outros centros urbanos que me marcaram nos quadrinhos, particularmente quando eles me revelaram cidades com as quais dificilmente



eu teria contato – óptico e háptico – não fossem os artistas que decidiram desenhá-las. Falo, por exemplo, da Sarajevo e da Gaza de Joe Sacco, ou da Pyongyang, de Guy Delisle. As HQs são uma linguagem que já nascem tentando dar conta de dimensionar as cidades tanto a partir de suas características físicas visualmente explícitas (a citar algumas páginas de *Little Nemo*, no começo do século 20), como por suas qualidades extra-arquitetônicas e é importante reconhecer o status de personagem que essas cidades adquirem em várias histórias, e que, como uma Marco Polo contemporânea a tentar construir uma moldura sensível do que elas transbordam para além das páginas, minha sugestão final é mais simples: procurem essas cidades, mas antes de conhecê-las, imaginem apenas como seria senti-las.

**CAROL ALMEIDA** É DOUTORANDA EM COMUNICAÇÃO, CRÍTICA DE CINEMA E EDITORA DA PLAF.

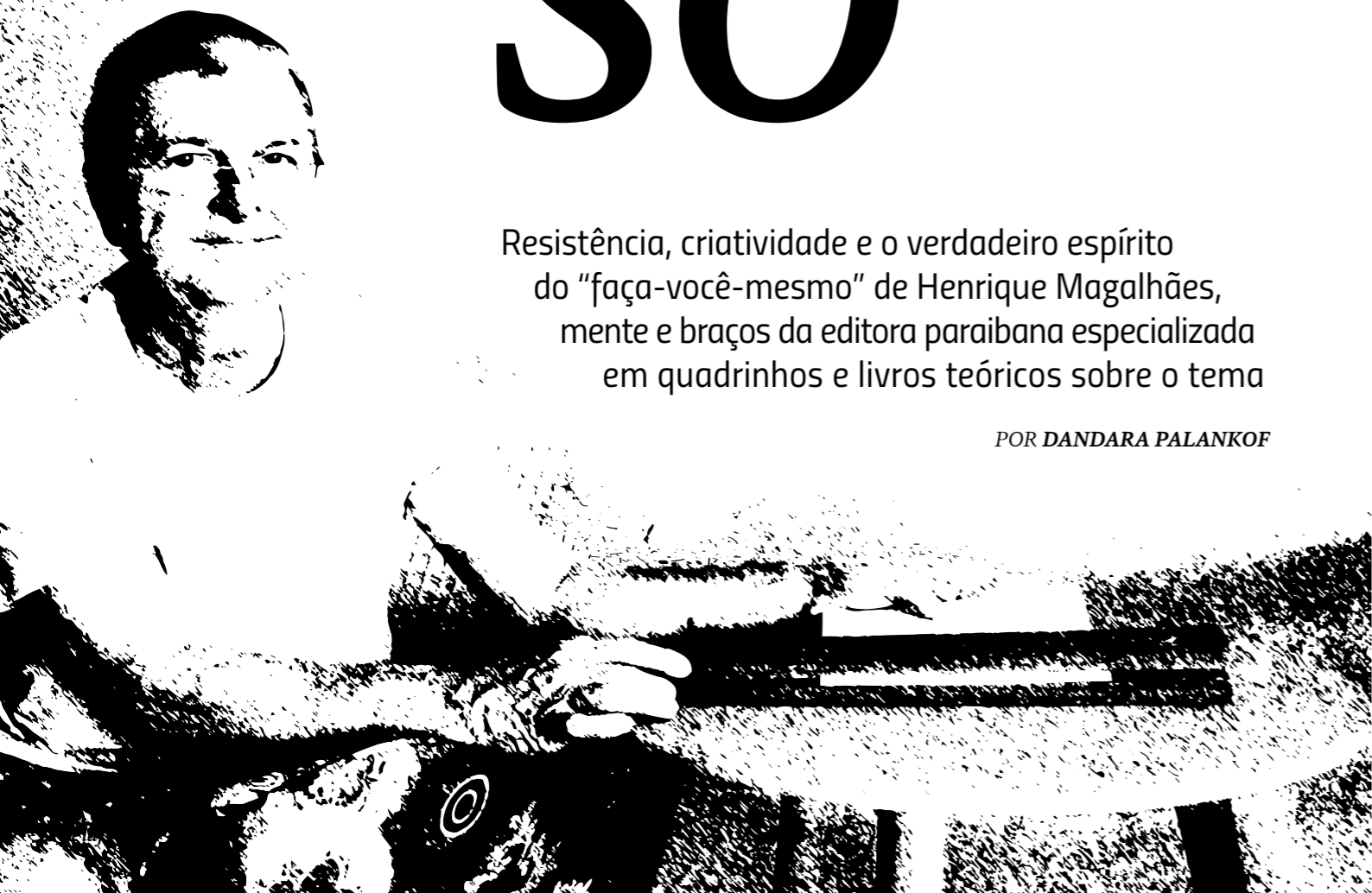


Marca de Fantasia:

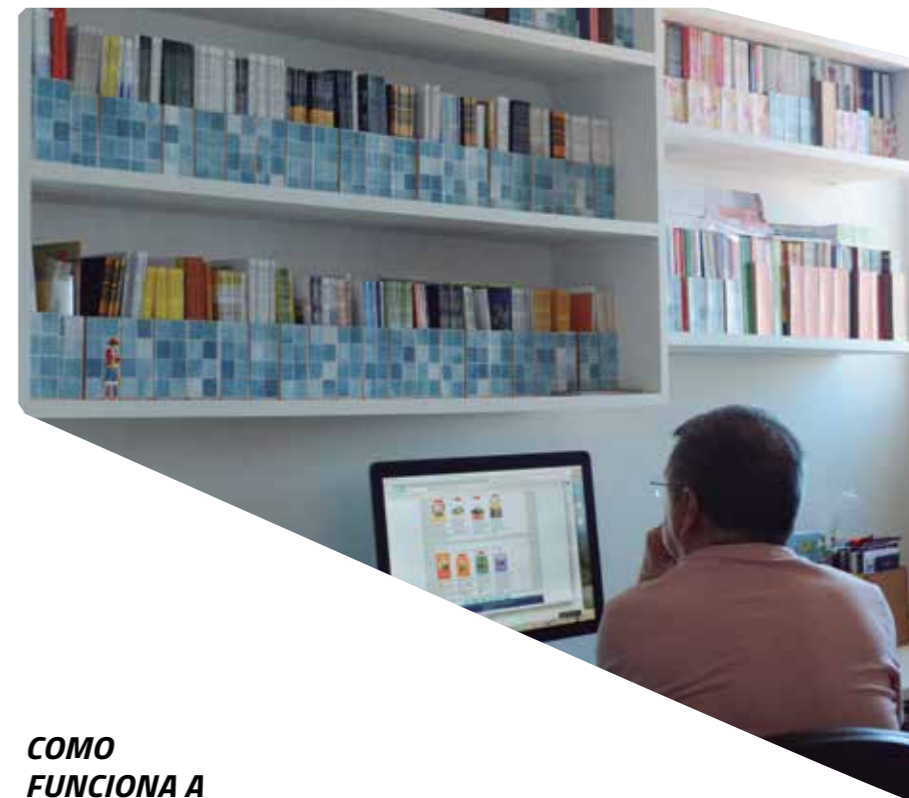
# MISSÃO DE UM HOMEM SÓ

Resistência, criatividade e o verdadeiro espírito do "faça-você-mesmo" de Henrique Magalhães, mente e braços da editora paraibana especializada em quadrinhos e livros teóricos sobre o tema

POR DANDARA PALANKOF



**EM CASA**  
Henrique Magalhães revisa, edita, diagrama e monta cada uma das publicações



Dandara Palankof / Prof

A Comic House, loja de quadrinhos localizada na cidade de João Pessoa e comandada pelo descontraído e amável Manassés Filho, tem na placa de sua fachada vários personagens dos gibis; entre eles, Maria, criada pelo quadrinista, também paraibano, Henrique Magalhães.

"Toda vez que Henrique vem aqui, me diz que vai desistir desse negócio de quadrinhos, que isso não leva a nada", dizia Manassés, aos risos. "Mas ele não consegue!"

Henrique é fundador, editor e único funcionário da editora **Marca de Fantasia** – responsável pela publicação de dezenas de títulos todos os anos, entre quadrinhos, pesquisas acadêmicas sobre a área e outros estudos sobre Comunicação. Funções que exercia em paralelo à vida de professor universitário – até se aposentar, em meados deste ano.

Sua persistência se deve principalmente a dois fatores: o amor pelos quadrinhos e publicações independentes; e a necessidade de não deixar que passem em branco tantos trabalhos que não encontrariam espaço em editoras comerciais.

"Registro" é uma palavra-chave para definir o trabalho desenvolvido pela Marca de Fantasia. A editora é uma espécie de guardiã da memória da produção de quadrinhos – e da pesquisa sobre o tema – totalmente *underground*, produzida por nomes que correm (ainda mais) por fora de um circuito que, podemos dizer, ainda está em processo de formação.

## COMO FUNCIONA A MARCA DE FANTASIA

Henrique toma conhecimento dos trabalhos que deseja publicar através do circuito independente, acadêmico e em eventos – mas também recebe trabalhos de autores que entram em contato com ele. Os quadrinhos são sempre impressos; já os livros acadêmicos, caso ultrapassem as 200 páginas, viram e-books, disponibilizados no site da editora (muitas vezes, gratuitamente).

Henrique revisa, edita, diagrama e monta cada uma das publicações. Nos primórdios da editora, as páginas eram impressas, recortadas, coladas e xerocadas, como num fanzine – sua escola e seu objeto de pesquisa durante quase toda a vida. Hoje, imprime as páginas em casa, numa impressora a laser. Faz os miolos de dez em dez exemplares, fazendo a reposição à medida em que se esgotam.

As capas também eram feitas artesanalmente, impressas e coloridas à mão ou com carimbos de linóleo; hoje, são impressas em off-set, em gráficas da cidade. Essa é a única parte da produção que ele terceiriza – e, admite, muito a contra-gosto. Mas fazê-lo permite que as capas tenham maior qualidade. Ele as imprime às centenas e as armazena, utilizando-as a medida em que precisa confeccionar novos exemplares.

"Foi minha estratégia para que eu pudesse ter dezenas de títulos ao mesmo tempo, em vez de publicar dois por ano e ter 500 exemplares de cada um. Foi uma visão editorial, para a viabilidade da produção", conta ele.

Sozinho, costura à mão cada um dos cadernos, com um método que ele mesmo desenvolveu; depois, dá forma aos livros colando-os com uma prensa caseira – também feita por ele mesmo. Por fim, junta-os às capas. Quanto aos e-books, também é Henrique quem os edita, diagrama e disponibiliza no site da Marca de Fantasia – também totalmente construído e administrado por ele.

## AS PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES

Desde cedo, Henrique se interessava não só por desenhar, mas em fazer suas publicações (a primeira foi uma revista mimeografada, ainda no colégio). Já na faculdade de Arquitetura, começou a publicar as tiras de Maria, sua personagem mais icônica, nos jornais da Paraíba. Então, criou uma revista para suas tiras, que tinha ainda artigos e trabalhos de outros artistas.





## Quem é Maria

O alter ego de Henrique Magalhães surgiu em 1975 e estrelava as tiras que o quadrinista publicava nos jornais de João Pessoa. Era uma solteirona em busca de um marido; mas logo saiu do armário como lésbica e suas tiras tornaram-se o veículo através do qual Henrique advogava em prol da liberdade de expressão e dos direitos das minorias. Em 2015, aos 40 anos da personagem, a editora portuguesa Polvo publicou o álbum **Seu Nome Próprio... Maria! Seu Apelido, Lisboa**, agraciado no ano seguinte com o prêmio de Melhor Álbum de Tiras Humorísticas no Festival de BD de Amadora. Em 2017, Henrique e Maria ganharam uma exposição no mesmo festival, além de uma nova edição do álbum **Maria: A Maior das Subversões**, também publicado em Portugal pela Editora Polvo e por aqui (é claro) pela Marca de Fantasia.

**SOZINHO, COSTURA À MÃO AS PÁGINAS INTERNAS, COM UM MÉTODO QUE ELE MESMO DESENVOLVEU; DEPOIS, DÁ FORMA AOS LIVROS COLANDO-OS COM UMA PRENSA CASEIRA – TAMBÉM FEITA POR ELE MESMO**



A MARCA tem cerca de 200 títulos publicados, entre HQs, publicações acadêmicas, revistas e antologias.

Com tiragem de mil exemplares, a revista *Maria* teve dez números, em preto e branco e papel jornal, distribuídos na Paraíba e em Recife. Teve também um álbum: *Maria, A Maior das Subversões*.

O selo estampado na capa da revista, porém, era outro: Editora Artesanal – referência ao grupo de teatro do qual Henrique fazia parte. Porém, quando trocou a Arquitetura pelo Jornalismo, ele começou a editar uma nova revista no curso. O nome da publicação, que trazia artigos sobre cultura em geral, veio num estalo: *Marca de Fantasia*.

Ele usou o nome novamente em meados de 1986 para batizar um fanzine de quadrinhos criado com a colega de mestrado Sandra Albuquerque, em São Paulo; foram oito números. Quando voltou para João Pessoa, criou mais um fanzine: o Nhô Quim – dessa vez, um projeto coletivo; e que foi interrompido por uma nova mudança: o doutorado na França.

Henrique já havia aprofundado seu conhecimento da produção independente de fanzines e quadrinhos em outros estados brasileiros e outros países europeus durante o mestrado. Mas na França, ele descobriu o que descreve como uma “efervescência” das publicações independentes, entre as mais artesanais e aquelas com maior refinamento editorial. Acompanhou de perto, por exemplo, os primórdios da L’Association – hoje uma das editoras mais importantes do mercado francês de quadrinhos. Em sua tese, acabou discorrendo sobre as similaridades e diferenças entre os fanzines brasileiros, portugueses e franceses.

O vigor da cena francesa inspirou Henrique a criar uma estrutura que viabilizasse uma produção de alta qualidade no meio independente brasileiro. Sua ideia era criar um projeto editorial que pudesse oferecer suporte e divulgação aos trabalhos que conhecia Brasil afora. Então, em 1995, o nome Marca de Fantasia agora batizava uma editora, destinada a publicação de fanzines, revistas, livros e álbuns.

### A MARCA TOMA FORMA

O projeto inicial da Marca de Fantasia consistia em três linhas: um fanzine, batizado como *Top-Top*; uma revista em quadrinhos experimental, a *Tyli-Tyli* (nome da personagem criada por Flávio Calazans), rebatizada como *Mandala* quando passou a contar com outros colaboradores; e livros de tiras, que integrariam uma série intitulada “*Das tiras, coração*” – esta, junto com o professor e quadrinista mineiro Edgard Guimarães, um dos parceiros mais antigos de Henrique. As publicações se alternavam a cada mês. A ideia durou exatamente um ano.

Outras publicações foram surgindo, como a série de álbuns *Repertório*; a revista de quadrinhos poético-filosóficos *Artlectas e Pós-Humanos*, de Edgar Franco; e o tradicional fanzine *QI*, de Edgard Guimarães (hoje disponibilizado gratuitamente pela Marca, em edição eletrônica). Quem também ganhou espaço mais uma vez foi o alter-ego de Henrique, em sua *Maria Magazine*.



**NUNCA HOUVE INTERESSE EM TRANSFORMAR A MARCA DE FANTASIA EM UM NEGÓCIO PROPRIAMENTE DITO. A EDITORA É SUA PAIXÃO E, TALVEZ, SUA MISSÃO**



## O livro perdido

Henrique havia acordado com o cartunista Jaguar a publicação de uma coletânea de seus trabalhos, chamada *Lugares Incomuns*. Porém, o processo de confecção do livro demorou um ano. Quando foi lançado, Henrique recebeu uma ligação nada amistosa de uma editora, afirmando que haviam assinado um contrato com Jaguar para relançar toda a sua obra. Henrique conta que, ao contatar Jaguar para resolverem a questão, o colega quadrinista se mostrou um tanto intransigente. Mesmo com o argumento de que a Marca de Fantasia, sem fins lucrativos e com tiragem pequena, não prejudicaria as vendas da outra editora, Jaguar também exigiu que a edição da Marca fosse recolhida. No fim das contas, Henrique teve que lidar com uma acusação de violação de direitos autorais – mas a tal editora nunca relançou a obra de Jaguar.



## Espaço para a cultura LGBTT

A Marca de Fantasia também dá atenção especial aos quadrinhos protagonizados por personagens homossexuais. Em seu catálogo, constam publicações como a coletânea *Autores Plurais*; revistas de Katita (personagem lésbica criada por Anita Costa Prado); *Camila*, gibi que aborda a transexualidade, de autoria de Julie Albuquerque; um retrato do universo dos “ursos” em *Ber the Bear*, de Rafael Lopes; além de *Macambira* e *Sua Gente*, também de autoria de Henrique Magalhães.

## Quadrinhos na academia

A série *Quiosque*, de estudos sobre quadrinhos, conta com títulos como *Miracleman: Um Outro Mito Ariano* (Márcio Salerno), *O que é História em Quadrinhos Brasileira* (Edgard Guimarães), *Tiras Livres: Um Novo Gênero dos Quadrinhos* (Paulo Ramos), *A Linguagem dos Quadrinhos: Definições, Elementos e Gêneros* (Alberto Ricardo Pessoa) e *Quadrinhos e Totalitarismo: V de Vingança, Watchmen e El Eternauta* (Douglas Pigozzi). Além disso, a Marca de Fantasia também publica a revista acadêmica *Imaginário!*; ligada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB, abre submissão de artigos sobre quadrinhos, artes visuais, cultura pop e afins a graduandos, mestrandos e doutorandos de qualquer lugar do país.



**ALÉM DOS AUTORES NACIONAIS,** a Marca foi a primeira a publicar no Brasil os franceses Killoffer e Claire Bretécher, além de Thierry Groensteen, um dos maiores teóricos das HQs no mundo.



Além dos autores nacionais, a Marca também publicou autores estrangeiros com menor penetração no mercado brasileiro. A Marca de Fantasia foi a primeira editora do país a publicar um gibi do renomado autor francês Killoffer — a coletânea de histórias *Quando Tem que Ser*. Também é motivo de orgulho para Henrique o fato de sua editora ter sido a única no país a publicar uma obra da também aclamada francesa Claire Bretécher. O álbum *Os Frustrados* foi lançado primeiro em 2004 e ganhou uma reedição em 2012.

### AS PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS

Henrique já era professor da Universidade Federal da Paraíba, na área de Comunicação, desde a época do mestrado. Alguns trabalhos de conclusão de curso começaram a lhe chamar atenção e, assim, a Marca de Fantasia passou a publicar também livros acadêmicos.

Mas a nova linha do projeto editorial tomou forma após a participação de Henrique na edição de 2002 do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom. Na época, o evento acadêmico ainda contava com um grupo de trabalho voltado aos quadrinhos, coordenado por Moacyr Cirne (considerado o maior pesquisador da área no país). Ao ver a quantidade de pesquisas produzidas, Henrique se propôs a publicar algumas delas; nasceu, então, a série Quiosque.

O primeiro livro da série é de autoria de ninguém menos que Thierry Groensteen. Seu *História em quadrinhos: Essa Desconhecida Arte Popular* foi o primeiro trabalho publicado no Brasil deste que hoje é reconhecido como um dos maiores teóricos do mundo sobre o meio.

Com o tempo, a editora tornou-se um projeto de extensão quando a Pós-Graduação em Comunicação da UFPB foi criada, passando a publicar não apenas os trabalhos de conclusão da graduação, mas também do mestrado e do doutorado lá produzidos.

### CONTRA-CULTURAL

Hoje, a Marca de Fantasia conta com cerca de duzentos títulos em seu catálogo, entre livros, revistas e álbuns. Tudo o que já foi e ainda é publicado pela editora está disponível no site da editora. Vários e-books são disponibilizados gratuitamente e o restante é vendido a preço de custo, apenas para manutenção dos trabalhos.

Henrique sabe que o apelo comercial das publicações da Marca de Fantasia é mínimo — e nunca desejou que tivessem. Nunca houve, de sua parte, qualquer interesse em transformar a editora em um negócio propriamente dito. Para Henrique, seu trabalho “de verdade” sempre foi a vida acadêmica. A editora é sua paixão e, talvez, sua missão.

Ele sabe das limitações acarretadas por sua maneira de trabalhar — principalmente no tocante à distribuição. Porém, é o preço da escolha pela liberdade conceitual e temática da qual não abre mão. O que lhe move à frente da Marca de Fantasia é a oportunidade de dar espaço àquilo que considera importante como experimentações gráficas e conceituais dentro do meio; criar o registro de uma produção alternativa que, de outro modo, poderia nunca encontrar lugar ao sol — e nas prateleiras dos leitores.

**DANDARA PALANKOF É MESTRA EM COMUNICAÇÃO, TRADUTORA DE QUADRINHOS E EDITORA DA PLAF.**

## Destaques do catálogo

Além das obras de Killoffer e Claire Bretécher, outras publicações de autores estrangeiros também se destacam no catálogo da Marca. Entre elas, o experimental *Postais de Viagem*, da portuguesa Teresa Câmara Pestana; e a coletânea *Carne Argentina*, do selo coletivo *La Productora*. Já entre os artistas nacionais, há veteranos de renome, como Shiko, Shimamoto, Edgard Guimarães e Edgar Franco, além de nomes promissores no circuito brasileiro de quadrinhos, como a goiana Cátia Ana (*When a Man Loves a Woman* e *O Diário de Virgínia*) e a gaúcha Samanta Flôor (*Toscomics*, em parceria com a revista *Café Espacial*).



# SAM WILSON: Capitão América

**Capitão América negro escancara as tretas de sua nação**

POR ALLAN DA ROSA

“F uçando em uma banca com meu guri de 10 anos, parceiro de emoções por gibis e livros, me surpreendi com uma capa impensável nos anos 1980 de minha infância. Naquela época eu juntava a merreca ganha vendendo banana na feira ou recolhida em troca de serviços pela quebrada. Toda minha fortuna era pra gibi de herói e o do Capitão América era um dos cinco mensais da Marvel. Sempre achei este glorioso paladino o mais chato da trupe e ele ainda aparecia na “Heróis da TV”, comandando os Vingadores.

Mas em seu gibi apareciam vilões malucos, dramáticos ou sedutores e heróis secundários que mapeavam minha imaginação. Alguns resuscitaram, outros nasceram. Ainda inventaram mais heróis ou novas origens para bambambãs antigos, bebendo como sempre em mitologias de muitos povos ou mesclando tendências contemporâneas com o fascínio das tecnologias bélicas e de informação.

Bem, o novo Capitão América é negro. Sam Wilson, o antigo Falcão, aquele que era braço direito e subalterno, assume o posto. Não está mais ali para sugerir a fraternidade e a união entre as raças. Sam chacoalha os pilares do nacionalismo que sustentou a ideologia do Capitão América desde a guerra contra Hitler, destrona a propaganda que regeu o globo afora a ideia do espírito de justiça dos EUA como terra da liberdade e oportunidade, como movimentos pretos já demonstram há séculos.

O loiro Steve Rogers, antigo dono do escudo que manteve a juventude por anos na câmara criogênica, torna-se um velhinho satirizado por seus inimigos, atuante como agente especial da SHIELD, a força de pensamento militar subordinada aos barões engratados do burô do país. E Sam Wilson manda em rede nacional um discurso ácido: “a verdade é que sempre estivemos divididos” é o que diz enquanto imagens de conflitos raciais pipocam nas telas. A série veio em plena época de campanhas de Trump e de Hillary para a presidência do país e a história gira no deserto do Arizona, onde migrantes mexicanos são sequestrados por supremacistas brancos que lhes metralham ou lhes usam em experimentos genéticos. Dos sobreviventes virá Joaquin Torres, o novo Falcão, que já nas capitais do Norte vai fortalecer a luta com a Soluções Serpente, vilões ofídicos que pregam o neoliberalismo mesclado ao racismo assumido, entre uma postura bufona e a sofisticação de um discurso contemporâneo que toma conta das indústrias farmacêuticas oferecendo consultoria, às vezes à força. Sam Wilson, com sua rala popularidade após mexer nas furadas verdades nacionais, tem que lidar com as ferrugens da burocracia e as traições de antigas parcerias, além do dilemas morais com seu antigo parceiro Steve Rogers.

Com meu moleque Daruê, em três edições li uma surpreendente mudança, um roteiro bem construído e um bom panorama da atual política, economia e das ideologias coloniais que mordem o globo em tempos de Dorias, Trumps e Macris. Com o corpo negro protagonista num lugar antes encastelado a um herói branco, salvador das pátrias e chato pra dedêu.

### HISTÓRICO

Por aqui, o Capitão América Sam Wilson ganhou título próprio mensal pela Panini, em 2017. Nos EUA, sua primeira aparição foi em *Captain America 117* (Setembro de 1969), como Falcão. É tido como um dos primeiros super-heróis negros dos quadrinhos mainstream americanos, ao lado de Pantera Negra (criado em 1966), o Lanterna Verde John Stewart (1971) e Luke Cage (1972).

ALLAN DA ROSA É ESCRITOR, ANGOLEIRO E ARTE-EDUCADOR POPULAR. É AUTOR DE *REZA A MÃE*.





# ANGOULÊME

## cidade dos quadrinhos

O Festival Internacional de Angoulême segue sendo um dos mais tradicionais espaços de celebração das HQs no mundo

POR PAULO FLORO  
[DE ANGOULÊME, FRANÇA]

A ideia de um festival como uma celebração é algo que remonta ao sentido mais etimológico da palavra. Ainda que exista um apelo comercial bastante inerente a qualquer evento de quadrinhos hoje em dia, o Festival Internacional de Quadrinhos de Angoulême é, em sua essência, uma celebração: dos quadrinhos como expressão artística, da força editorial do mercado editorial francês, dos autores e autoras e também dos diversos olhares para a produção de diversas partes do mundo. A cidade toda está imersa dentro dessa proposta, de galerias, museus, livrarias e cafés até lojas de roupas. Todos em uníssono nesse amor ao BD (como chamam os gibis por lá), algo diferente de quase todos os lugares em que já visitei.

Angoulême, localizada a 500km de Paris, no Sudoeste da França, é uma cidadezinha pequena de cerca de 50 mil habitantes fundada ainda na Idade Média e que ainda conserva um ar interiorano, bucólico, de vila europeia turística. Possui um parque gráfico de produção intensa e tornou-se um polo de produção de papel, mas seu maior atrativo é o turismo, sobretudo na época do festival. Localizada na região de Nova Aquitânia, o lugar é cortado pelo rio Charante e estima-se que receba mais de 200 mil de pessoas no período do festival, que acontece em pleno inverno europeu (e, no caso deste ano, muita chuva). Em alguns momentos fica difícil caminhar por suas ruas apertadas em meio a tantos visitantes carregando sacolas de gibis. Cafés lotados, muitas filas e coisas para ver em cada esquina fazem do evento uma festa que ocupa a cidade inteira.

Foto: FIBD Angoulême / Divulgação



Jorge Fidel Alvarez / FIBD Angoulême / Divulgação



**RUAS TOMADAS** Com programação gratuita, o festival ocupa toda a cidade com atrações ao ar livre.

O festival contou com exposições, debates, masterclasses, lançamentos e muitas compras, além de uma extensa programação paralela, que inclui festas, shows, feiras e encontros. Seu maior chamariz é sua premiação, ainda uma das mais importantes do mundo na área. Três HQs brasileiras estavam indicadas este ano a melhor obra alternativa, que reúne trabalhos do mundo todo: *Maria Magazine*, de Henrique Magalhães, *Amor em Quadrinhos*, coletânea organizada por Milena Azevedo e a antologia *Cafê Espacial*.

A edição 2018 teve como principal destaque a comemoração dos 150 anos de cooperação entre França e Japão e isso repercutiu no grande número de exposições de autores japoneses no evento. Osamu Tezuka (de *Astro Boy*), Naoki Urasawa (de *20th Century Boys* e *Pluto*) e Hiro Hashima (de *Fairy Tail*) foram alguns dos nomes que receberam exposições individuais, além de diversos autores que estiveram presentes em temas de discussões, masterclasses e outros eventos. Um pavilhão inteiro foi dedicado ao mangá e Angoulême ainda abriu espaço para searas de quadrinhos asiáticos ainda pouco conhecidos, como é o caso da extensa produção taiwanesa e da presença de Sonny Liew, natural

de Cingapura, autor de *A Arte de Charlie Chan Hock Chye*, uma das HQs mais celebradas de 2016 que esse ano ganhou edição brasileira pela Pipoca & Nanquim.

A maior de todas foi a exibição de *Manga No Kamisama*, ou "o deus do mangá", em tradução direta, a maior exposição sobre Osamu Tezuka (1928 - 1989) já feita até aqui. Foram reunidos originais inéditos do autor de *Astro Boy* e *Dororo* que mostram o diálogo de sua obra com as transformações sociopolíticas do Japão ao longo do século 20. Atuante em todos os segmentos possíveis do mangá, a maior contribuição de Tezuka foi ter introduzido estéticas até então alheias ao mangá, aproximando-se do imaginário das animações norte-americanas, principalmente da Disney.

Dono de um humanismo muito próprio, os trabalhos de Tezuka trazem preocupações com o meio ambiente, denunciam os perigos do imperialismo e falam também de genocídio, colonização e ditadura; tudo em um tom bastante direto e aberto, o que o conectou com audiência de todas as idades.

## GIBI PARA TODOS

Dono de um dos maiores mercados de quadrinhos no mundo, a França ama essa arte em um nível que é difícil de comparar com outros países. E isso é muito percebido em um festival gigante como Angoulême. Além da presença das grandes casas editoriais como Delcourt, Glénat e Casterman, ainda há bastante espaço para editoras pequenas e médias, que nos últimos anos têm contribuído para diversificar ainda mais a produção contemporânea de BD. São essas editoras mais independentes as responsáveis por apostar em talentos mais inovadores e experimentais.

O festival dividiu a produção em pavilhões, o que serviu para segmentar a escolha do público frente a uma diversidade que muitas vezes parecia atordoar, deixava o visitante perdido. Então foram agrupados em temáticas de acordo com o tamanho ou tema. Essas livrarias efêmeras eram mais do que uma feira, pois representavam possibilidades de encontro, negócios e ainda tinham uma programação extensa de debates, autógrafos e entrevistas. A proximidade com os autores era também um ponto a favor, o que muitas vezes justificava enfrentar filas e multidão para conhecer seu artista favorito de perto.

Seguindo o passeio por Angoulême, mais atividades pareciam enaltecer a produção nacional e também destacavam a importância que o quadrinho tem para a cidade. Na Cité Internationale de la Bande Dessinée, uma enorme edificação que conta com museu, biblioteca e salões de exposição, encontrei a exposição sobre Emmanuel Guibert, autor de *A Guerra de Alan* e *O Fotógrafo*, ambos lançados no Brasil.

Guibert venceu em 2017 o troféu René Goscinny, criado pelo autor de *Asterix* para homenagear autores que se destacam pelo talento em criar cenários. O espaço no Cité reuniu originais, vídeos e muita informação do processo criativo do autor, citado como "uma pessoa que desenha como se escrevesse" por sua capacidade de contar a história através da interação de personagens e cenário.

Paulo Floro / O Grito!



## Breve história de Angoulême

Criado em 1974, o Festival Internacional de Quadrinhos de Angoulême é hoje um dos maiores eventos do mundo dedicado às HQs. Foi criado pelos autores Jean Mardikian, Francis Groux e Claude Moliterni. Inicialmente pensado como um Salão, o evento cresceu para se tornar um dos mais relevantes do cenário internacional. Desde sua primeira edição conta com uma premiação para obras e autores. Quem venceu o primeiro Grand Prix foi André Franquin. Nos anos seguintes nomes como Will Eisner, Moebius, Art Spiegelman e Florence Cestac.





**BRASILEIROS** Três HQs brasileiras concorreram ao prêmio de melhor quadrinho alternativo. Maria Magazine, de Henrique Magalhães, a antologia Café Espacial e Amor em Quadrinhos, coletânea organizada por Milena Azevedo. A categoria acabou vencida pela revista francesa Bien, Monsieur #8.

Atravessando a rua do Cité International encontrei uma ponte em zigue-zague sob o rio Charante. No meio dela, uma estátua imponente e austera de Corto Maltese parecia vigiar a passagem. O mais famoso personagem de Hugo Pratt é bastante presente em Angoulême, decorando ônibus públicos e até comerciais de perfume. Aqui ele parecia materializado, um anfitrião cortês disponível. Do outro lado do rio encontramos o Museu de Quadrinhos de Angoulême que trazia a exposição de outro grande nome da BD franco-belga, Jacques Martin (1921 - 2009) e seu mais famoso personagem, *Alix*.

A série fala de um jovem escravo de origem gaulesa nos tempos de Júlio Cesar. O personagem completou 70 anos em 2018 e segue até hoje editado na França. A exposição fez uma tentativa de desconstrução de *Alix*, desnudando sua alma juvenil heroica para revelar sua complexidade e contradições.

### PRÊMIO E PROTESTO

A premiação é parte importante do Festival de Angoulême e é, em certa medida, o que garante sua popularidade no mundo, mesmo para quem nunca pôs os pés por lá. É que seu poder de influência atinge diversos mercados editoriais e serve como plataforma para novos artistas.

Quem levou este ano foi o jovem Jérémie Moreau, de apenas 24 anos, com seu livro *La Saga de Grimm*. A HQ se passa na Islândia do século 18, quando o país ainda lutava contra a dominação da Dinamarca e vivia na miséria. A premiação aconteceu no Teatro Municipal de Angoulême e foi bastante concorrida.

### MAIS DA COBERTURA

Veja mais detalhes do Festival de Angoulême no site da Revista O Grito!, com galeria de fotos, reportagens e um podcast com participação de Milena Azevedo (*Amor em Quadrinhos*), Henrique Magalhães (*Maria Magazine*) e Maria Clara Carneiro (do blog Balbúrdia). [Acessa: http://bit.ly/ogritoangouleme](http://bit.ly/ogritoangouleme)

Do lado de fora, um grupo de quadrinistas protestava por negociações mais justas de direitos autorais e um piso salarial para a categoria. Vários artistas, em seus agradecimentos no palco, apoiaram a causa dos manifestantes.

Três brasileiros competiam este ano, na categoria de melhor HQ alternativa: *Amor em Quadrinhos*, organizado por Milena Azevedo; *Maria Magazine*, de Henrique Magalhães; e a coletânea *Café Espacial*. O prêmio acabou indo para *Bien Monsieur #8*, uma revista de antologia editada por Elsa Abderhamani e Juliette Mancini, cujos temas eram feminismo, política e sociedade. Ainda assim, é de se comemorar a presença de brasileiros em uma seleção tão interessante.

O Grand Prix, entregue para um autor pelo conjunto da obra, foi para o norte-americano Richard Corben, autor de *Espírito dos Mortos* e também de trabalhos para editoras mainstream como DC e Marvel.

### UM FESTIVALZÃO DESSES...

Angoulême foi a mais interessante experiência que já tive de um festival de quadrinhos. Foi incrível vivenciar a forma como a cidade proporciona uma imersão completa ao visitante, algo bem diferente do distanciamento e isolamento que sinto em eventos fechados dentro de pavilhões como as *comic-cons*. As relações aqui parecem não ser tão mediadas pelo consumo quando comparados com outro evento de quadrinhos. E sim, faz muita diferença um festival todo dedicado exclusivamente aos quadrinhos, cuja proposta artística é muito particular e rica. Séries de TV, filmes, licenciamentos, enfim, não são a tônica da programação, e isso é ótimo.

É por essa atmosfera de intimidade e os cenários medievais únicos da cidade que Angoulême, acredito, ainda será relevante por muitos anos. O festival cresce a cada edição e já começa a se adaptar para trazer conforto a tantos visitantes, mas saber equilibrar seu crescimento com a manutenção de sua personalidade será seu maior desafio. Em 2019, o evento vai celebrar a produção da América e também a música. Espero voltar para essa celebração de novo.

\* O editor da Plaf viajou em uma parceria com o Consulado da França no Recife e o Institut Français

PAULO FLORO É MESTRE EM COMUNICAÇÃO, EDITOR DA PLAF E DA REVISTA O GRITO!.

# PANTERA NEGRA

## Uma HQ à altura do rei de Wakanda

POR ANNE CAROLINE QUIANGALA

O arco *Uma Nação Sob Nossos Pés*, do Pantera Negra, contou com 12 edições escritas pelo jornalista Ta-Nehisi Coates, em 2016, e foi publicado no Brasil pela editora Panini, em três encadernados. Este "início de uma nova era" é uma espécie de resposta à queda nas vendas de quadrinhos *mainstream* dos EUA, que encontrou saída no foco às causas sociais da geração millenium.

Coates, grande admirador de quadrinhos da Marvel e filho de um ex-Pantera Negra, adicionou elementos políticos e estéticos muito pertinentes ao arco. Exemplo disso é que ele se desenvolve como consequência ideológica de eventos como a maré gigante comandada por Namor para destruir Wakanda (*Vingadores vs X-Men*, 2012), um golpe orquestrado pelo Dr. Destino (*Doomwar*, 2010), uma invasão de Thanos (*Infinito*, 2013), o afastamento de T'Challa e, por fim, a morte da princesa Shuri. Para o autor, este tipo de continuidade, tão típica das *comics*, nunca havia sido aplicada ao personagem, e isso reduzia a importância dele na cosmogonia da Marvel.

Assim, em *Uma Nação Sob Nossos Pés*, temos um *plot* completamente novo para Wakanda e seu líder político e religioso, o Pantera Negra. No primeiro volume, somos introduzidos à problemática enfrentada pelo rei: wakandanos opositores ao governo de T'Challa começam a aterrorizar a parcela simpatizante, tanto alimentando a vergonha e uma "consciência da irresponsabilidade" do Pantera Negra, quanto por meio de "homens-bomba", com o intuito de desestabilizar ainda mais a realeza.

Ainda no Livro Um, conhecemos as guerreiras e amantes Ayo e Aneka, que apresentam uma perspectiva alternativa àquela do enfraquecido e instável rei T'Challa. Ao se tornarem os Anjos da Meia-Noite, dupla que busca justiça para os segmentos minorizados de Wakanda, vivenciamos uma frente de batalha interessada em restabelecer a honra do país. Esta representação dum agenda que se aproxima do Feminismo Negro (conforme a nossa leitura diaspórica), evidencia as leituras de Audre Lorde e Toni Morrison, além da sensibilidade do olhar de Coates para militância antirracista pra além duma interpretação dualista (e masculinista) de "Martin Luther King Jr. versus Malcom X".

Na segunda parte, a busca de uma terceira via se evidencia: o protagonista toma pra si a tarefa de proteger Wakanda de Tetu e Zenzi (líderes dos rebeldes, identificados como Povo), mas também duma forma de governo tradicional injusta e ineficaz. Neste meio tempo, o monarca vai perdendo mais força e uma solução para o estrangulamento narrativo é a convocação de um time de superamigos da diáspora: Misty Knight, Tempestade e Luke Cage. T'Challa também busca instrução no plano divino, onde repousam os ancestrais e a memória coletiva de Wakanda, o Djalía.

Por fim, no terceiro volume, Coates aponta para uma nova Wakanda, mais adequada ao tipo de civilização tecnológica que se orgulha de ser. A crise política, o esfacelamento das instituições consagradas e uma reflexão profunda sobre Poder, justiça social e o real sentido da democracia são temas urgentes tratados com uma seriedade ímpar em *Uma Nação Sob Nossos Pés*. Por meio de metáforas potentes, Ta-Nehisi Coates demonstra sua "excelência negra" (*black excellence*), atualiza diversas questões a respeito do nacionalismo negro, antirracismo e como as instituições capitalistas estão acima de qualquer possibilidade de governança realmente alinhada ao interesse, ao objetivo e ao poder negro — tema amplamente discutido em seu belíssimo *Entre o mundo e eu* (2015).

Embora eu seja fã do estilo de roteiro mais objetivo e visual dum Brian M. Bendis, *Uma Nação Sob Nossos Pés* prima tanto pelas referências filosóficas, históricas, étnicas e literárias, quanto por seu roteiro sem furos. Apesar disso, alerta a respeito do volume de recordatórios, subtramas, intrigas e personagens que se mesclam nos três volumes, conferindo uma sofisticação literária, tão rara nos quadrinhos atuais, subsidiários do cinema. Para os iniciantes, o arco é recomendável porque não exige conhecimento prévio; para os fãs antigos, esta é uma Wakanda nunca vista antes: vacilante sob os pés do rei!

ANNE CAROLINE QUIANGALA É PRETA, NERD & BURNING HELL; MESTRA EM LITERATURA, APAIXONADA POR BONS QUADRINHOS E SÉRIES RUINS.



### Uma Nação Sob Nossos Pés

Ta-Nehisi Coates (roteiro), Brian Stelfreeze (ilustração nas edições #1-#4, #9, #12), Laura Martin (Cores), Chris Sprouse (ilustração nas edições #5-#8, #10-#12)

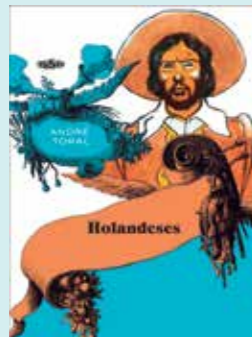
[Panini, 3 volumes, capa dura, 148 páginas]



# Holandeses, um Brasil a ser redescoberto

POR ALEXANDRE FIGUEIRÔA

Transformar fatos históricos em HQs é um desafio que o quadrinista, historiador e antropólogo André Toral enfrenta com desenvoltura. *Holandeses*, o seu álbum mais recente, nos faz voltar ao período da ocupação da capitania de Pernambuco pela Companhia das Índias Ocidentais, no século 17. A cada página ele nos envolve com sua sagacidade em mesclar a pesquisa historiográfica com a criação de personagens e por elaborar uma trama que revela o contexto social onde eles estão inseridos. Toral, todavia, não constrói figuras estereotipadas e nem as utiliza apenas como pretexto para uma análise sociológica do passado.



**Holandeses**

André Toral

[Veneta, 96 páginas, 2017 | R\$ 59,90]

*Holandeses* conta a história de dois irmãos judeus sefarditas de origem portuguesa – Cástor e Esaú – que vêm tentar a sorte no Brasil. Cástor é pintor e tem um espírito sensível, enquanto Esaú é uma pessoa pragmática e dedicada ao comércio. A vida no Brasil holandês é dura e os coloca em confronto com suas próprias crenças religiosas. Os irmãos convivem com tribos indígenas, com escravos, mamelucos, portugueses e enfrentam os diversos conflitos existentes entre os grupos étnicos e políticos do período.

Com um roteiro fluente e ilustrações simples, Toral desenvolve a trama em seis episódios, entrelaçando figuras e dados da época com elementos ficcionais, mas sempre escapando do maniqueísmo e das “verdades” históricas absolutas. O resultado é uma narrativa rica em detalhes do cotidiano de um Brasil distante, mas cujos reflexos ainda são sentidos até hoje. Desde sua participação em publicações como a revista *Animal e Piratas do Tietê*, e o premiado álbum *Guerra do Paraguai*, André Toral estabelece uma ponte entre o rigor do mundo acadêmico, no qual está inserido, e o universo dos quadrinhos, com bons resultados para ambos os lados.

# NOVAS HQS PERNAMBUCANAS REVIVEM REVOLUÇÃO DE 1817

POR PAULO FLORO

Intensa, cheia de reviravoltas dramáticas, batalhas e tramas românticas cheias de paixão e amor proibido, a Revolução Pernambucana de 1817 é um óbvio combustível narrativo, prontinho para adaptações na ficção. E é explorando isso que duas HQs chegam ao mercado, *1817 - Amor e Revolução*, de Paulo Santos de Oliveira e Pedro Zenival e *A Noiva*, de Thony Silas e Eron Villar. Ambas, cada uma à sua maneira, exploram esse período de resistência com um olhar apaixonado, focando na relação amorosa de Maria Teodora, uma jovem de origem aristocrática portuguesa e Domingos Martins, um brasileiro idealista.

No pano de fundo estão as maquinações políticas que levaram à revolução, umas das mais importantes do Brasil e que instigou levantes em outras partes do País. O governo revolucionário tinha em sua essência uma proposta democrática e permitiu a liberdade de pensamento, algo até então proibido por aqui. Por dois meses, os pernambucanos, enquanto país independente, tiveram constituição e bandeira próprias, exército, polícia e até mesmo um embaixador nos EUA. Mas a república não passaria incólume às próprias contradições: não aboliu a escravidão e tinha uma faceta capitalista e conservadora, o que agradava aos interesses de quem se preocupava antes com a queda de impostos em lugar de um estado de bem-estar de todos. A HQ de Oliveira e Zenival é a que melhor explora estas questões, se esforçando em trazer contexto para cada nova fase da revolução. Mas essa proposta narrativa por vezes se mostrava cansativa, demasiadamente didática. Os desenhos se destacaram pela ótima concepção de cenários, que retratou com afinco o Recife do período, dando ao leitor uma agradável sensação de ambientação. Mas a arte careceu de soluções criativas nas formas e enquadramentos, tornando a narrativa tanto monótona em alguns momentos. Ainda assim, é um dos mais belos documentos sobre 1817 já feitos.

*A Noiva*, de Silas e Villar, possui um projeto gráfico mais sofisticado e ousado, o que incluiu o uso de interferências digitais e fotos originais da época. Funcionou bem em alguns pontos, mas em outros fez falta uma ambientação mais precisa do Recife. O talento de Silas para criar personagens expressivos e narrativa envolvente está presente aqui, o que torna a leitura dessa HQ muito envolvente. Com um estilo muito próximo da HQ *mainstream* norte-americana (o autor pernambucano faz trabalhos para Marvel e DC), *A Noiva* tem muita aventura e ação (algumas até exageradas, diria). As duas obras são importantes para mostrar o papel importante das HQs como um rico espaço de debate sobre a memória local.



**1817 - Amor e Revolução**

Paulo Santos de Oliveira (texto) e Pedro Zenival (arte)

[Cepe, 106 páginas, 2017]



**A Noiva**

(3 volumes lançados)

Thony Silas e Eron Villar (texto e arte)

[Villalux/UEON Productions, 36 páginas, 2017]

# Recriando um ícone

Mulher-Maravilha de George Pérez marcou época e tornou-se molde de como fazer um bom gibi de super-heroína

POR JAMES FIGUEIREDO

A Mulher-Maravilha foi criada pelo psicólogo William Moulton Marston, em colaboração com o artista H. G. Peters, em 1941. Ela não foi a única, nem mesmo a primeira, super-heroína a estrelar as páginas dos gibis dos anos 40. Entretanto, se mostrou a mais duradoura, alcançando status de ícone feminino dos quadrinhos. No ano de 1985, a DC Comics realizou a sua famosa *Crise nas Infinitas Terras*, uma história em doze capítulos mensais que pretendia fazer uma “faxina” no elenco da editora. Todos os personagens da DC foram afetados, mas a princesa das amazonas sofreu algumas das mudanças mais radicais.

Em 1987, o desenhista George Pérez, famoso por seus trabalhos com os Vingadores, a Liga da Justiça, os Novos Titãs e a própria série *Crise nas Infinitas Terras*, foi contratado como argumentista e artista da nova série da heroína amazona. Essa é a fase que a editora Panini resgatou na coleção *Lendas do Universo DC: Mulher-Maravilha*. Os quatro volumes perpassam boa parte (mas não integralmente) a passagem de Pérez pelo título.

Entre as muitas mudanças que promoveu na personagem, Pérez ancorou as histórias mais profundamente na mitologia grega; retirou os elementos sci-fi das amazonas, tornando-as uma sociedade aparentemente plantada na Idade do Bronze; promoveu uma diversidade étnica entre as irmãs da Mulher-Maravilha (até então, basicamente só havia amazonas brancas) e tornou a Rainha Hipólita mais fisicamente parecida com sua filha, a princesa Diana. Mas, principalmente, Pérez rejuvenesceu a heroína, mostrando-a como uma jovem novata no mundo dos homens, sem conflitos por interesses amorosos (elementos constantes no título por décadas), com níveis de

poder extremamente elevados e rodeada de um elenco secundário extremamente cativante e rico em conflitos e histórias.

Sua Mulher-Maravilha é tenaz, inteligente, curiosa e cativante, além de ser uma hábil e poderosa guerreira. A personagem sempre prefere o uso da palavra em vez da violência e se contrapõe aos costumes do “mundo do patriarcado” de forma envolvente, provocando a reflexão do leitor. Aliás, um grande mérito de sua passagem pelo título é como ele lida com a tradicional objetificação feminina num meio tão machista quanto os quadrinhos de super-heróis. As mulheres de Pérez são belíssimas, mas não são hiperssexualizadas ou decorativas. Ele ainda lida com temas como violência sexual, relacionamentos abusivos e suicídio, nunca perdendo de vista o olhar feminino da protagonista.

E, claro, não é possível falar da Mulher-Maravilha de Pérez sem mencionar o fabuloso trabalho artístico do autor. Seus desenhos magníficos elevaram o gibi da Princesa Diana muito acima do que era costumeiramente produzido na época. Cenários detalhados, personagens com características distintas e um domínio impressionante de narrativa e composição fazem das edições desenhadas por Pérez uma verdadeira aula de como fazer quadrinhos. Não é uma fase perfeita, mas é definitivamente um ponto alto nos mais de 70 anos de existência dessa personagem tão querida e marcante.

JAMES FIGUEIREDO É ILUSTRADOR, DESIGNER GRÁFICO E FÃ DA MULHER MARAVILHA.

# AMOR, FAMÍLIA E GUERRA EM ÓTIMA ESTREIA DE ROGER VIEIRA

POR PAULO FLORO

Se alguém perguntar onde encontrar o melhor da renovação do quadrinho pernambucano sempre indicarei esta *Não Tenho Uma Arma*, de Roger Vieira. O quadrinista e ilustrador tem um trabalho incrível publicado *online* (série, deem uma olhada no Instagram dele), cheio de experimentações no traço e no uso de cores. Mas ele também soube mostrar seu talento para narrativas longas com esse gibi lançado de forma independente. Vieira conseguiu criar empatia com seus personagens em uma trama original e cheia de nuances, mas ao mesmo tempo direta e afetiva. Bate fácil à primeira leitura. A história fala de uma mãe e seu filho que vivem isolados dentro de um tanque de guerra abandonado em uma floresta. A partir desse enredo, o autor trabalha questões como relações familiares e pacifismo. Uma ótima estreia, com certeza.



**Não Tenho Uma Arma**

De Roger Vieira

[Independente, 54 páginas, 2017]



# A ETNOGRAFIA DO PATÉTICO

O mais novo trabalho de Daniel Clowes, bem como toda a obra dele, poderia se expandir a partir da frase acima. Artista atento às idiosincrasias de um certo tipo de cidadão norte-americano mais conhecido no dicionário urbano gringo como "loser", mais especificamente o "loser" na pele da pessoa branca não muito bem-sucedida, Clowes faz um de seus trabalhos mais ousados do ponto de vista narrativo, com uma história de amor que vai e volta no tempo e que se permite delirar junto com o delírio de um de seus personagens, sem perder o tom perversamente realista que atravessa toda sua obra.

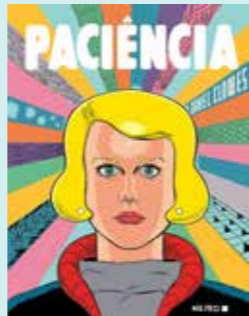
Com um ritmo cinematográfico de ação que "filma" seus personagens com genuíno interesse em seus dramas pessoais – quase sempre o que eles têm em comum é um histórico de terem sido abusados ou negligenciados durante boa parte da vida –, o artista conta aqui a história de Paciência, uma jovem mulher que, no ano de 2012, recebe a notícia de que está grávida de seu também jovem marido Jack. Um evento violento acontece, Paciência é assassinada e, de repente, somos transportados para 2029, quando Jack já está velho, tendo passado toda sua vida

frustrado não apenas pela morte de Paciência, mas particularmente por nunca ter conseguido identificar o assassino de sua mulher.

A partir de então, visitamos não apenas construções espaciais muito bem elaboradas nessa ficção científica do derrotado, como somos vertiginosamente deslocados no tempo seguindo um protagonista que é tudo menos um herói a quem consigamos facilmente nos apegar. Ele erra, toma decisões equivocadas, é inescrupuloso em várias ocasiões, tudo isso para tentar corrigir, no passado, o evento que teria ocorrido em 2012. Jack é alguém por quem temos sentimentos conflitantes e ainda assim torcemos por ele. Essa ambiguidade sustenta toda a história.

Os aspectos formais da obra, para além do desenho cada vez mais elegante, também revelam que Clowes chegou em outro patamar dos quadrinhos. Ele brinca com as palavras que vão fugindo das páginas, com a sobreposição de quadros, com o uso dos closes para dar mais tensão à história e, sobretudo aqui, com um jogo de cores que, já na capa, denunciam um tom estridente que está na imagem, bem como na história. Valeu ter esperado cinco anos para ler algo inédito de Daniel Clowes.

POR CAROL  
ALMEIDA



**Paciência**

Daniel Clowes

[Nemo, 180 páginas,  
R\$ 64,90 / 2017]

# Falar é de prata, CALAR É DE OURO

Existe um pensamento corrente entre os leitores (e alguns críticos) de quadrinhos de que uma boa história se dá no perfeito equilíbrio entre o uso de palavras e imagens. O pesquisador Thierry Groensteen, entretanto, afirma que a primazia numa história em quadrinhos é – ou ao menos deve ser – sempre da imagem; como argumento cabal, cita trechos e mesmo histórias inteiras cuja narrativa se desenvolve sem o uso de uma única palavra.

Esse é o caso das histórias de *Sshhhh!*, do quadrinista norueguês Jason. Esse primeiro trabalho do artista lançado no Brasil (pela editora Mino) é uma bela amostra de sua obra, marcada pelo minimalismo – que se mostra não só em seu uso contido de palavras (na maioria das vezes, como nesse livro, elas são inexistentes) mas também em suas composições de páginas e em seu traço, limpo e direto.

*Sshhhh!* reúne uma série de histórias curtas, protagonizadas por vários animais antropomorfizados (geralmente corvos) – outra característica recorrente de sua obra. Reflexões sobre solidão, paternidade, corações partidos e finitude, tratadas com uma mistura delicada de humor e melancolia, numa narrativa visual precisa e envolvente.

A sensação é de que qualquer palavra em seus quadros seria intrusiva e afastaria o leitor da imersão proposta por Jason, invocada no próprio título do livro. Seja em metáforas mais elaboradas visualmente, ou em outras mais diretas, o quadrinista compõe um tratado agriço sobre a grande contradição inerente à nossa existência – seu peso e sua banalidade.

POR DANDARA  
PALANKOF



**Sshhhh!**

Jason

[Mino, 128 páginas,  
R\$ 44 / 2017]

# NASCEU CORISCO

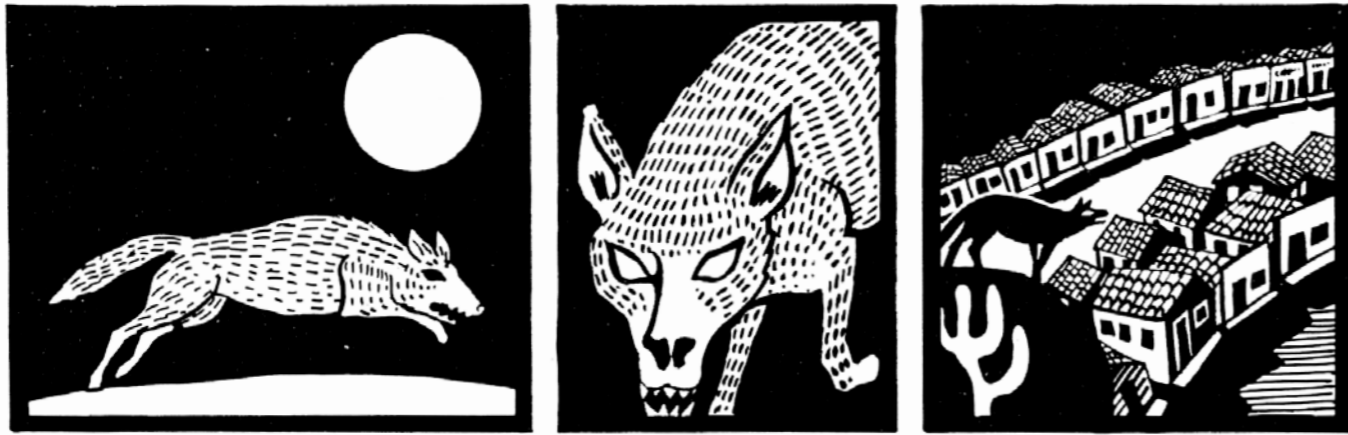
JÔ OLIVEIRA

OS CANGACEIROS FORAM SEMPRE VISTOS COMO CRIATURAS FANTÁSTICAS. HOMENS COM PODERES SOBRENATURAIS. É CRENÇA GERAL QUE ELES TINHAM PACTO COM O DEMÔNIO. É O CASO DO FAMILIARRADO CORISCO. SEGUNDO OS CEGOS DAS FEIRAS, TUDO COMEÇOU ASSIM...

SÉXTA-FEIRA, DIA 13



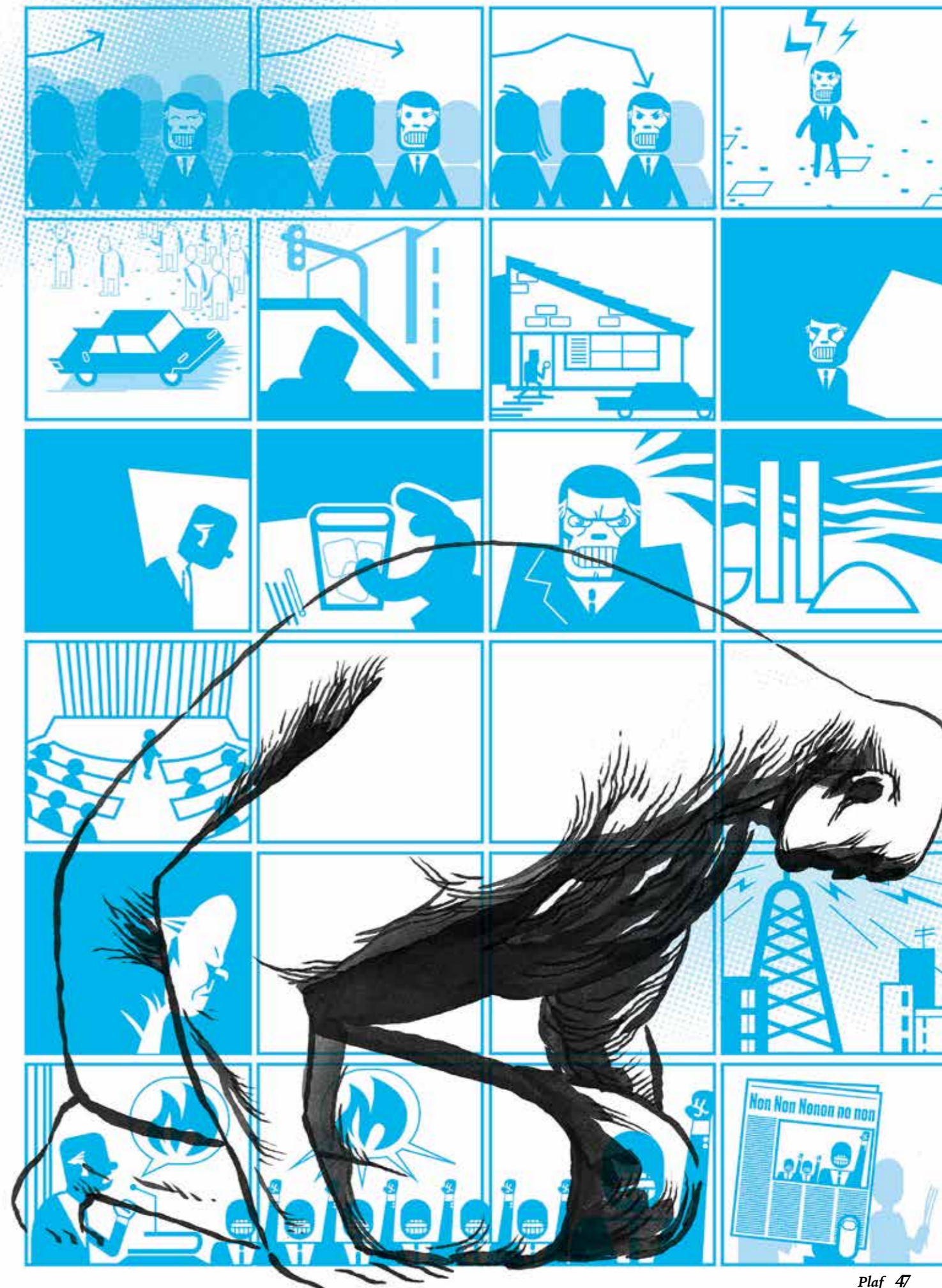








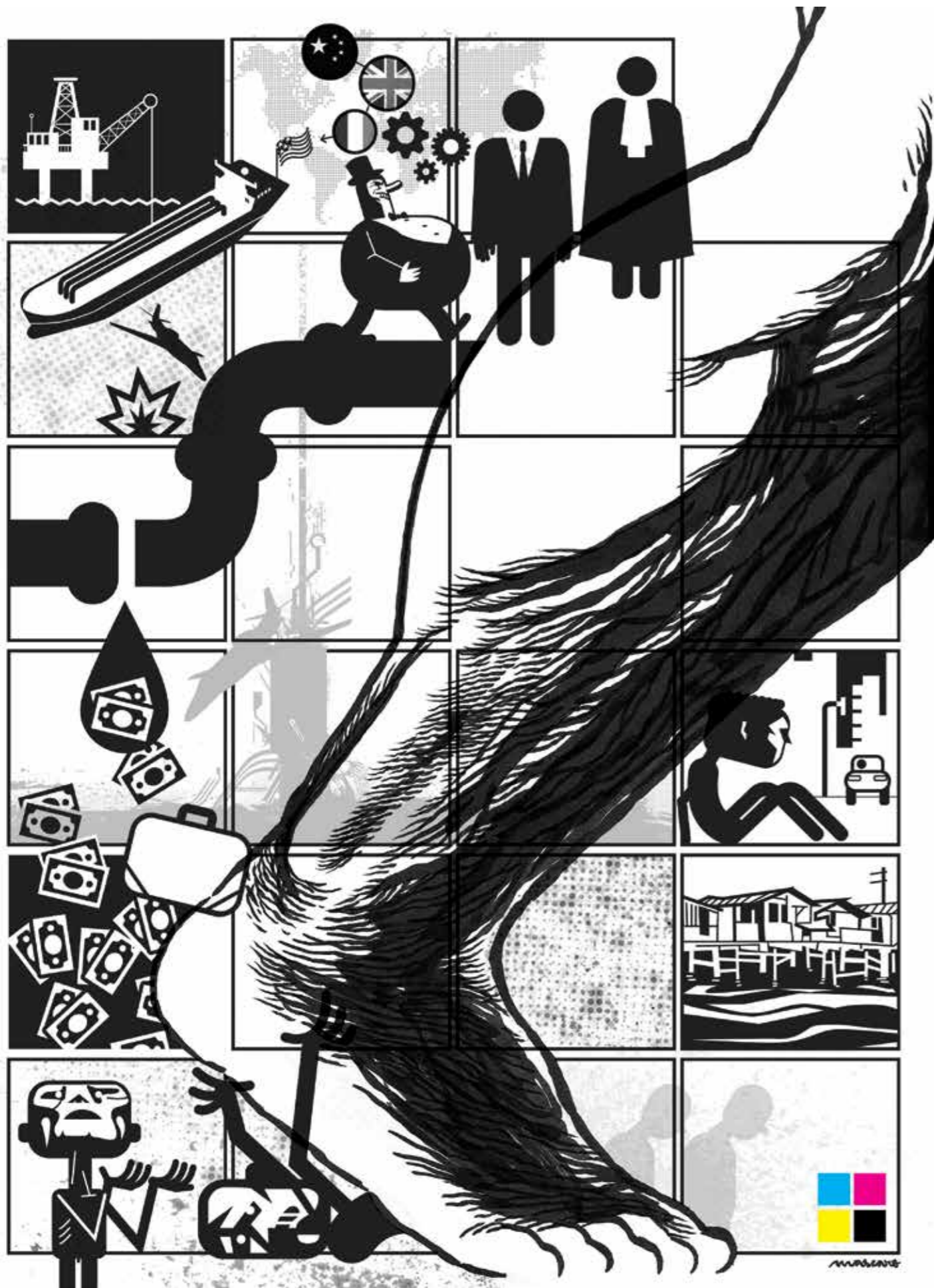
Jô OLIVEIRA É QUADRINISTA E ILUSTRADOR PERNAMBUCANO, AUTOR DE HANS STADEN - UM AVENTUREIRO NO NOVO MUNDO E A GUERRA DO REINO DIVINO, ENTRE OUTROS.











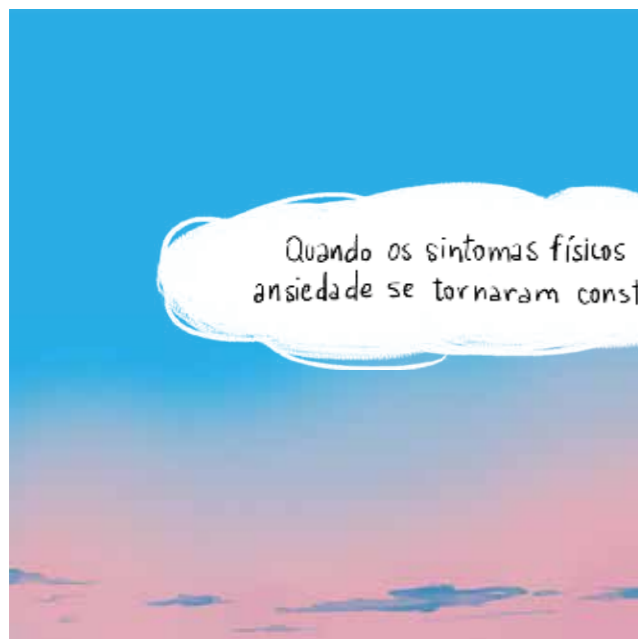
MASCARO É QUADRINISTA E DESIGNER PERNAMBUCANO. FOI UM DOS FUNDADORES DA REVISTA RAGU, ANTOLOGIA DE QUADRINHOS BRASILEIROS E INTERNACIONAIS, EDITADA NO RECIFE. TAMBÉM TEVE TRABALHOS PUBLICADOS NA RAGU CORDEL, ASCENSO FERREIRA EM QUADRINHOS E DOMÍNIO PÚBLICO, COM VERSÕES DE CLÁSSICOS DA LITERATURA MUNDIAL.



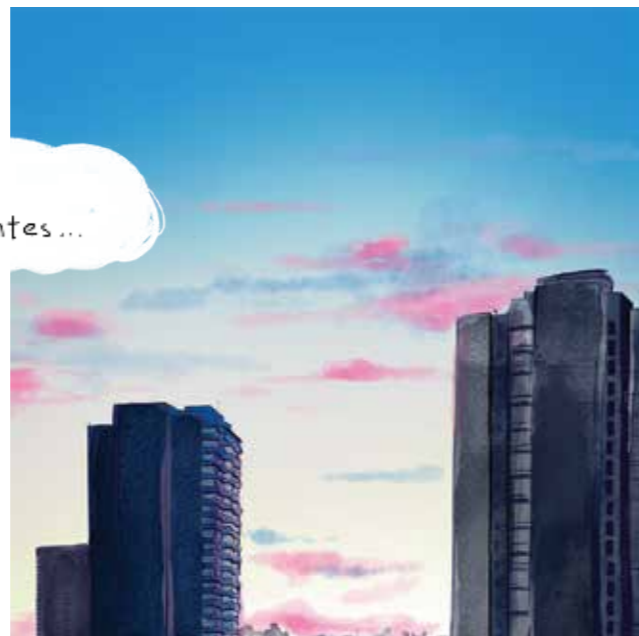








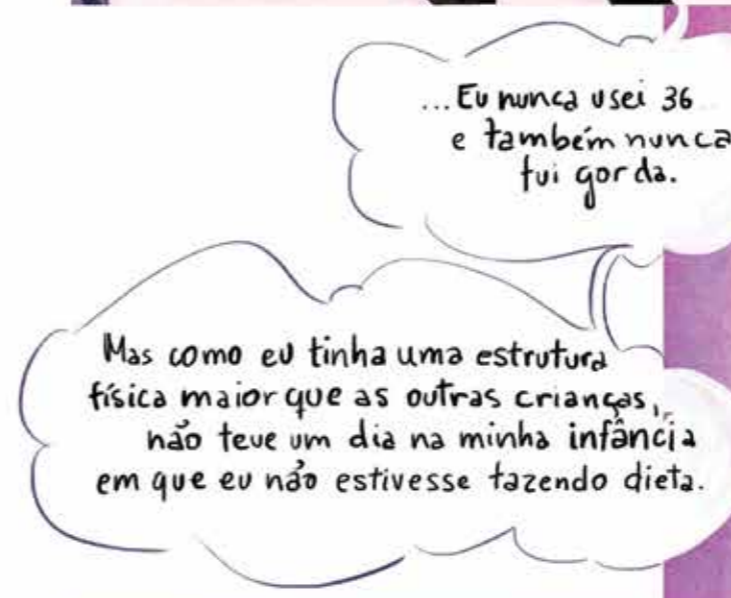
Quando os sintomas físicos da ansiedade se tornaram constantes...



...Todas as minhas inseguranças pareceram triplicar de tamanho.



Algum tempo depois, eu descobri que boa parte das minhas crises eram motivadas pela minha insatisfação com meu corpo...



... Eu nunca usei 36 e também nunca fui gorda.

Mas como eu tinha uma estrutura física maior que as outras crianças, não teve um dia na minha infância em que eu não estivesse fazendo dieta.



Isso mexeu tanto comigo que, até hoje, todas as vezes que um cós não abotoa na minha cintura me vem uma vontade de chorar, me trancar no quarto e não sair nunca mais dali.



A gente ouve tanto que ter  
braço roliço, coxa e cintura  
grossa é feio...



... que acaba se esquecendo de  
enxergar tudo de bonito que  
tem no nosso corpo.



Praticar a empatia com nós  
mesmas é tão difícil, não é?



Mas sabe o que importa?



Mesmo que a minha  
barriga esteja saliente,  
todos os dias eu escolho amar  
e cuidar de mim.



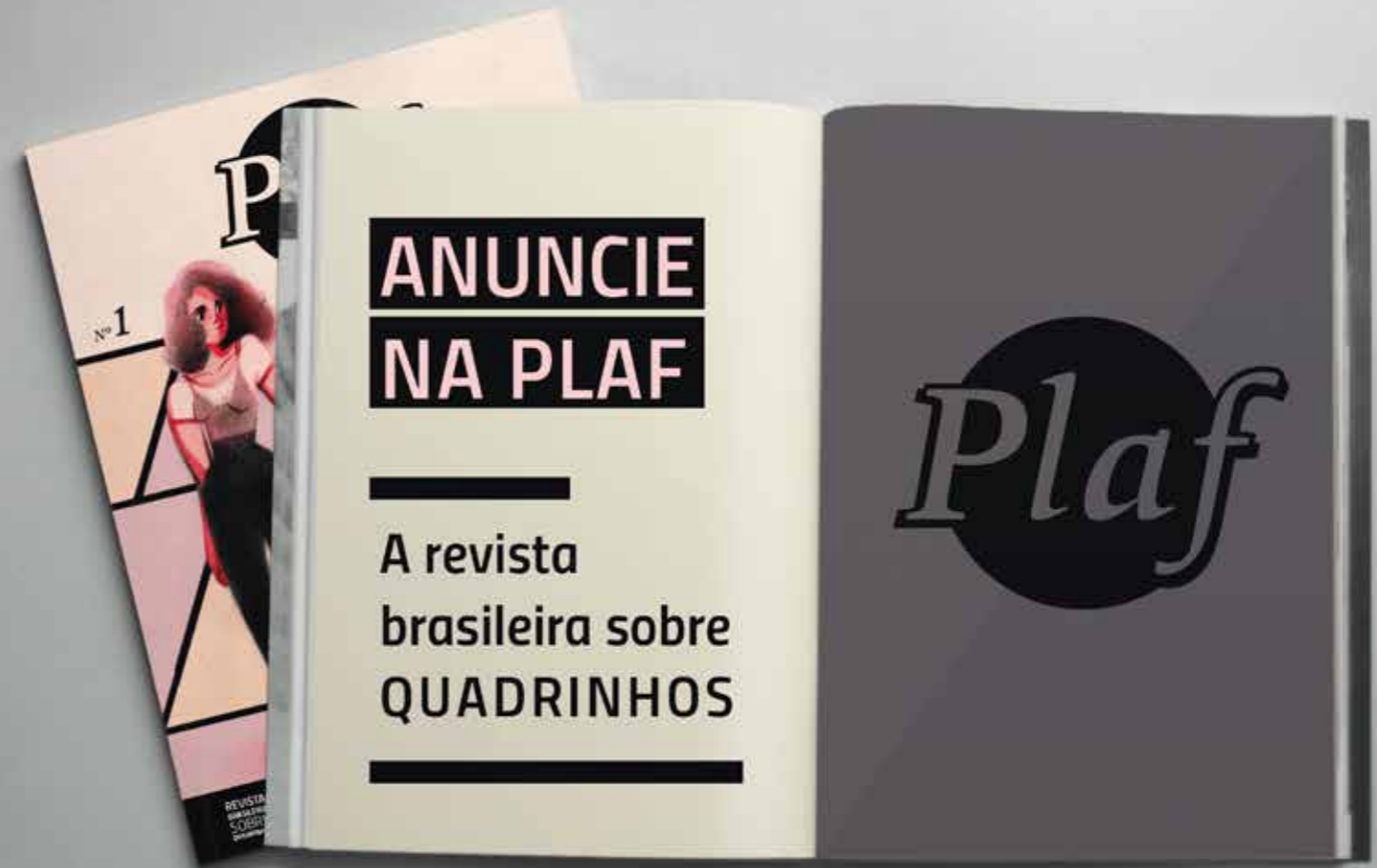
# POST HOC ERGO PROPTER HOC



por:  
**FELIPE PRT**

O melhor enxadrista do bairro.

ou: "Nicolas Cage"



O mundo dos quadrinhos é o mundo todo.

SOLICITE NOSSO MÍDIA-KIT E PREÇOS PELO E-MAIL [COMERCIAL@REVISTAPLAF.COM.BR](mailto:COMERCIAL@REVISTAPLAF.COM.BR).  
TEMOS PREÇOS ESPECIAIS PARA EDITORAS E LOJAS ESPECIALIZADAS EM QUADRINHOS.



REALIZAÇÃO:

# O Grito!



July/Aug/Sep 2016 | R\$15

ISSN 2527-0281

02



9 772527 028102